

# esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

---



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História  
e Geografia de Portugal no 2º Ciclo do Ensino Básico

O uso das novas tecnologias no ensino do Português:  
algumas propostas didáticas com recurso ao  
programa *VideoScribe*

Érica Sofia Teixeira Dias

Coimbra, 2019

**esec**

**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO**

---



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE COIMBRA

Érica Sofia Teixeira Dias

O uso das novas tecnologias no ensino do Português:  
algumas propostas didáticas com recurso ao  
programa *VideoScribe*

Relatório final em Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, apresentada ao Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri:

Presidente: Professora Doutora Isabel Sofia Calvário Correia

Arguente: Professora Doutora Natália de Jesus Albino Pires

Orientador: Professor Doutor Pedro Balas Custódio

Maio de 2019

## **Agradecimentos**

A vida é feita de várias fases e etapas, esta é só mais uma. Com o meu relatório final concluído, gostaria de agradecer a todos aqueles que se cruzaram comigo, tornando esta caminhada mais prazerosa e enriquecedora.

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família, pois mostraram sempre que apesar das dificuldades, o importante é sonhar e não há nada que não se consiga através do trabalho, esforço e determinação. Um especial obrigado à minha mãe, ao meu pai e aos meus irmãos, Vanessa, Milton, Élton e Ivo, por serem um exemplo na minha vida. Independentemente das voltas que ela dá, quero que sintam e vivam as minhas vitórias com o maior orgulho.

Ao meu irmão gémeo, Ivo. Tu, que sempre me amparaste quando precisei e que todos os dias demonstras que não há nada mais importante do que dar o nosso tempo a todos aqueles que nos são especiais.

Aos meus sobrinhos, Isaac e Oliver, por me ensinarem a amar da forma mais pura, que só as crianças sabem fazer, e por serem as luzes das nossas vidas.

Seguidamente, gostaria de agradecer à minha amiga e companheira de todo este percurso, Luísa. Acredito que as pessoas cruzam as nossas vidas com um propósito. Obrigada por todo o companheirismo e amizade ao longo destes anos, sem ti nada teria sido igual. Sou eternamente grata por esta amizade que levo para a vida.

À ESEC e a todos os docentes desta instituição, por todas as aprendizagens ao longo deste percurso.

Ao Doutor Pedro Custódio, orientador deste relatório final, por toda a disponibilidade. Sem a sua ajuda e orientação este relatório não seria possível.

A todos os alunos que se cruzaram comigo ao longo destes anos maravilhosos, obrigada por tornarem esta caminhada mais desafiante e enriquecedora; sem vocês o meu crescimento não seria o mesmo.

Ao meu amor, obrigada por encontrar nos teus braços, um ombro amigo, um porto seguro, um refúgio, por me sentir em casa mesmo estando a quilómetros de distância.

E, por fim, gostaria de agradecer a todos aqueles que não foram mencionados, mas que tornaram a minha vida mais especial. A ti, Filipa Meireles, que deverias

terminar esta etapa connosco, mas partiste demasiado cedo. Terminamos todas a pensar em ti, terminamos um sonho que também era teu. Que o teu sorriso e alegria pela profissão sejam sempre lembrados por todas nós.

A todos vocês, muito obrigada!  
A ti Coimbra, lembra-te de mim.

## Resumo

O presente relatório final de Mestrado, pretende evidenciar algumas propostas didáticas no âmbito da motivação para a leitura, através das mesmas pretendo ainda demonstrar de que forma a motivação social, o uso das novas tecnologias bem como o recurso de atividades práticas influenciam o desempenho de uma turma de 4º ano em atividades de motivação para a leitura.

Nele contempla uma investigação intitulada de “O uso das novas tecnologias no ensino do Português: algumas propostas didáticas com recurso ao programa *VideoScribe*”, desenvolvida com dezasseis crianças de uma turma do 4º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) do Distrito de Coimbra.

Numa primeira fase, pretendi aproximar-me da realidade da turma, pois só assim conseguiria compreender quais os aspetos que motivam os alunos para a leitura.

Já numa segunda fase, e tendo em conta que o gosto pela leitura é sempre influenciado pelas experiências de vida do leitor, planifiquei e coloquei em práticas duas intervenções com o intuito de compreender se a motivação social, bem como os interesses pessoais iriam influenciar de forma positiva ou negativa esta investigação.

Numa terceira fase, sabendo que a motivação para a leitura é um trabalho contínuo, e que cabe a cada leitor encontrar o estilo, mais adequado às suas necessidades e gostos, foi desenvolvida uma terceira intervenção, intitulada “Lê e conta-me como é”. Esta intervenção teve como principal objetivo expor a turma a uma variedade de livros para que possam desenvolver as suas preferências.

Considero esta temática pertinente na medida em que me permitiu compreender, não só a importância do desenvolvimento de atividades dinâmicas que estimulem o gosto pessoal pela leitura, como também compreender que o gosto pela leitura irá influenciar o desempenho do leitor não só a nível académico, mas acima de tudo, enquanto cidadão, cidadão esse que se quer ativo e participante na sociedade.

Permitiu-me ainda, perceber que o gosto pela leitura deve ser desenvolvido desde muito cedo, de uma forma natural, sendo que se torna crucial a existência de bons exemplos de leitura na vida da criança.

**Palavras-chave:** Motivação para a Leitura; Educação; Atividades práticas.

## Abstract

This final Master's report intends to highlight some didactic proposals in the scope of reading motivation, through which I intend to demonstrate how social motivation, the use of new technologies as well as the use of practical activities influence the performance of a 4th grade class in motivation activities for reading.

It includes an investigation entitled "The use of new technologies in Portuguese teaching: some didactic proposals using the *VideoScribe* program", developed with sixteen children from a group of the 4th year of them 1st Cycle of Basic Education (CEB) of the District of Coimbra.

The first phase aims to get closer to the reality of the class, because this is how you can understand which aspects motivate students to read.

always influenced by the reader's life experiences, I planned and put into practice two interventions to understand if social motivation as well as personal interests would influence in a positive or negative way this research.

In a third phase, knowing that motivation for reading is a continuous work, and that it is up to each reader to find the style most appropriate to their needs and tastes, a third intervention was developed, titled "Read and Tell Me How It Is".

This intervention had as main objective to expose the class to a variety of books so that they can develop their preferences.

I consider this theme to be relevant in that it allowed me to understand not only the importance of developing dynamic activities that stimulate personal taste for reading, but also to understand that the taste for reading will influence the performance of the reader not only academically but above all, as a citizen, a citizen who wants to be active and participant in society.

It also allowed me to realize that the taste for reading must be developed very early, in a natural way, and it is crucial to have good examples of reading in the child's life

**Key words:** Motivation for Reading; Education; Practical activities.

## Sumário

Resumo .....	III
Abstract.....	IV
Abreviaturas.....	VII
Índice de Anexos .....	VIII
Índice de Figuras .....	IX
Índice de Gráficos .....	X
Introdução.....	11
CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	13
1.1. O conceito de leitura.....	15
1.2. Motivação para a leitura.....	18
1.3. Importância da família .....	21
1.4. Importância da escola.....	25
1.5. O papel do professor.....	27
1.6. A escola e o uso das tecnologias.....	29
1.7. O professor e as novas tecnologias.....	31
1.8. Os alunos e as novas tecnologias.....	33
CAPÍTULO II- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	35
2.1. Definição do problema/objeto de estudo .....	37
Formulação dos objetivos .....	38
2.2. Pertinência da escolha do tema.....	38
2.3. Caracterização da amostra .....	39
2.4. O projeto “Motivar para a leitura” ( data) in .....	40
2.5. Primeira intervenção: Atividades em torno da obra “O livro da avó” .....	41
2.5.1. Como surgiu a escolha do tema.....	41
2.5.2. Explicação da atividade.....	42
2.6. Segunda intervenção: Atividades em torno da obra- “Sou especial porque sou eu!” .....	48
2.6.1. Como surgiu a escolha deste tema .....	48
2.6.2. Explicação da atividade.....	49
2.7. Terceira intervenção - “Lê e conta-me como é” .....	52
2.8. Instrumentos e procedimentos de recolha de dados.....	53
2.9. Observação direta/notas de campo.....	54

2.10. Apresentação e discussão dos resultados.....	54
Dados quantitativos .....	55
Dados qualitativos.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
Referências bibliográficas.....	74
ANEXOS .....	79

## **Abreviaturas**

CEB – Ciclo do Ensino Básico

ME – Motivação Extrínseca

MI – Motivação Intrínseca

SI – Sociedade da Informação

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

PES – Prática Educativa Supervisionada

PNL – Plano Nacional de Leitura

PTE – Plano Tecnológico da Educação

## Índice de Anexos

Anexo 1- Fotografia da 4ª atividade.....	80
Anexo 2- Fotografia da 2ª atividade.....	80
Anexo 3-Fotografia da 1ª atividade.....	80
Anexo 4- Fotografia da 3ª atividade.....	80
Anexo 5- Caixa de perguntas referente à 4ª atividade.....	80
Anexo 6- Exemplo de um texto descritivo realizado por um aluno.....	80
Anexo 7- Perguntas da caixa (4ª atividade) .....	81
Anexo 8- Perguntas da caixa (4ª atividade) .....	82
Anexo 9- Textos realizados pela turma sobre as avós .....	83
Anexo 10- Textos realizados pela turma sobre as avós .....	83
Anexo 11-Textos realizados pela turma sobre as avós .....	84
Anexo 12- Textos realizados pela turma sobre as avós .....	85
Anexo 13- Textos realizados pela turma sobre as avós .....	85
Anexo 14- Textos realizados pela turma sobre as avós .....	86
Anexo 15- Textos realizados pela turma sobre as avós .....	87
Anexo 16- Textos realizados pela turma sobre as avós .....	88
Anexo 17- Fotografia do possível mural da turma.....	72
Anexo 18- Textos realizados pela turma sobre as avós .....	72
Anexo 19- Textos realizados pela turma sobre as avós .....	88
Anexo 20- Textos realizados pela turma sobre as avós .....	89
Anexo 21- Textos realizados pela turma sobre as avós .....	90
Anexo 22- Textos realizados pela turma sobre as avós .....	91
Anexo 23- Textos realizados pela turma sobre as avós .....	92
Anexo 24- Textos realizados pela turma sobre as avós .....	93
Anexo 25- Textos realizados pela turma sobre as avós .....	94
Anexo 26- Fotografia da 1ª atividade.....	95
Anexo 27- Fotografia da 1ª atividade.....	95
Anexo 28- Fotografia da 2ª atividade.....	95
Anexo 29- Apresentação à turma do trabalho realizado na 1ª atividade.....	95
Anexo 30- Fotografia do possível mural da turma.....	96

Anexo 31- Fotografia da 4ª atividade.....	96
Anexo 32-Fotografia da 4ª atividade.....	96
Anexo 33- Trabalho realizado pelo Grupo 1 .....	97

## **Índice de Figuras**

Figura 1- Primeira Atividade " Chuva de ideias" .....	43
Figura 2- Visualização da história “O livro da avó” de Luís Silva.....	44
Figura 3 - Leitura e análise da obra.....	46
Figura 4- Modelos para a construção da Avó .....	47
Figura 5- Caixa de perguntas .....	47
Figura 6- Construção das histórias .....	50
Figura 7- Apresentação das histórias .....	50
Figura 8- Visualização da história.....	50
Figura 9- Mural "Sou especial porque sou eu!" .....	51
Figura 10- Apresentação do livro lido .....	53
Figura 11- Terceira intervenção “Lê e conta-me como é” .....	53

## Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Gostar de passar tempo com a avó .....	55
Gráfico 2 - A idade da avó .....	56
Gráfico 3 - Características físicas.....	57
Gráfico 4 - Características psicológicas .....	57
Gráfico 5 - Aspetos únicos .....	58
Gráfico 6 - Existência de animais domésticos .....	59
Gráfico 7 - Vestuário utilizado.....	59
Gráfico 8 - Comida favorita cozinhada pelas avós .....	60

## **Introdução**

O presente relatório apresenta de forma fundamentada e reflexiva, as aprendizagens realizadas ao longo do meu período de prática educativa supervisionada (PES). Esta investigação foi desenvolvida no âmbito do Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2º Ciclo do Ensino Básico, sendo que, esta investigação foi desenvolvida com uma turma de 4ºano do 1º Ciclo do Ensino Básico do distrito de Coimbra.

O tema abordado surgiu no decorrer da prática pedagógica, após a observação e contacto com um grupo de alunos, heterogéneo, mas com níveis de desenvolvimento diferenciados.

Ler é um hábito poderoso que nos dá as ferramentas necessárias para conhecer o mundo que nos rodeia. Trata-se de um processo contínuo que se inicia no período em que somos bebês e prolonga-se até ao final das nossas vidas (Silva, 2014, p.7).

Desde cedo, as crianças começam a identificar o registo escrito e a entendê-lo como uma correspondência gráfica da linguagem oral (Cunha, 2011; Viana & Teixeira, 2002).

Tal como afirma Silva (2014, p. 13) “ler é mais do que um simples codificar e decodificar de palavras, mais do que um aprender o significado das letras, juntar as mesmas e formar palavras. Ler é uma atividade prazerosa que envolve a pessoa e leva-a a refletir sobre o que se lê, transportando-a para um novo “mundo”.”

Deste modo, Silva ainda sustenta em Sabino (2008), que “a palavra lida tem que ter significância para quem a lê. Caso contrário, a leitura assumirá uma forma exclusivamente mecânica, permanecendo quem lê no pântano da iliteracia funcional. Mas se o vocabulário for desconhecido, a busca do seu significado alargará o domínio do vocabulário e acrescentará conhecimento ao leitor.”

Ler é um ato complexo e existem diversas definições para o explicar. No entanto, uma forma simples de aclarar o seu significado é referir que o ato de ler envolve competências do foro da decifração e da compreensão e, espera-se que o leitor consiga, acima de tudo, extrair um significado daquilo que lê.

Como sabemos, a nossa sociedade tem vindo a evoluir, e neste seguimento, o conceito de escola também. A escola já não é vista, por muitos, como um mero edifício

que tem como função a transmissão do saber. Atualmente, há quem a veja como uma procura constante de inovação, com o intuito de aproximar o ensino das crianças, motivando-as para aprendizagens verdadeiramente significativas, que podem ser concretizadas através de atividades únicas, dinâmicas e acima de tudo, que sejam gratificantes para os alunos.

A escola não deve ser encarada como um espaço fechado ou triste, mas sim como um lugar de prazer e de aprendizagem, onde os alunos têm a oportunidade de desempenhar um papel ativo e criativo na sua própria formação. É também fundamental que os professores entendam que as aprendizagens são constantes e que não são estanques da realidade do aluno, sendo necessário levar essas experiências para dentro da sala de aula de uma forma dinâmica, proporcionando maior interesse por parte dos alunos e, conseqüentemente, aprendizagens mais significativas.

Assim sendo, este projeto surgiu com o intuito de poder proporcionar à turma atividades prazerosas que promovam o contacto com a leitura, bem como permitir uma maior reflexão sobre esta temática.

Neste âmbito, o relatório estará dividido em dois capítulos.

Na primeira parte do relatório, podemos encontrar todo o enquadramento teórico da investigação.

Na segunda parte, podemos descobrir a parte prática da investigação, bem como a análise de dados. E, por fim, as considerações finais.

## **CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO**



## 1.1. O conceito de leitura

A definição do conceito de leitura não é unânime entre os investigadores da área, que assumem algumas divergências na sua formulação. É certo que o conceito de leitura tem vindo a sofrer algumas transformações, tornando-o mais amplo e prático. Se no passado a leitura estava associada a um ato meramente mecânico, que nos remetia, fundamentalmente, para o “domínio das habilidades de identificação de símbolos gráficos e da sua correspondência com os respetivos sons” (Santos, 2000, p. 21), sendo que, estas habilidades estavam associadas a compreensão do texto a partir de uma leitura fluída e bem pronunciada, ou seja, não era exigido ao leitor a compreensão/reflexão sobre o que lia, tornando-se assim, uma prática passiva.

Mais tarde, estudos revelaram que o ato de ler é uma competência mais complexa que requer por parte do leitor um conjunto de competências fundamentais para que o mesmo consiga decifrar e interpretar aquilo que lê de uma forma crítica, conseguindo, assim, extrair um significado para o seu quotidiano. Assim, o leitor deve assumir uma postura ativa, negando a posição de mero descodificador ou recetor passivo sobre aquilo que lê. Tal como refere Castanho (2002, cit. por Ferreira, 2015, p. 4):

Hoje em dia aprender a ler não passa apenas pelo exercício mecânico de tradução de uma mancha gráfica para um conjunto de sons audíveis. Presentemente os grandes desafios que se colocam à educação são: ensinar a ler criticamente; ensinar a gostar de ler; criar hábitos de leitura vitalícios. (p.43)

Portanto, importa referir que a leitura, na atualidade, torna-se num processo contínuo, sendo que, a palavra “leitura” encaminha-nos para uma atividade de interpretação e análise de um determinado conteúdo que é realizado após o conhecimento das técnicas de descodificação e decifração gráfica. Assim, ler não deve ser um ato mecânico de mera decifração de caracteres, deve sim, ser uma atividade complexa e poderosa da qual o indivíduo terá a oportunidade de desenvolver as suas ideias e opiniões, extraindo um significado sobre aquilo que lê. Por conseguinte, terá a oportunidade de definir o seu lugar na sociedade na qual está inserido.

Segundo José Morais (1997, cit. por Costa, 2014, p.11) a leitura, numa primeira instância, envolve a identificação dos símbolos impressos, a que correspondem as letras e as palavras, bem como corresponder esses símbolos com os seus respetivos sons.

Assim, primeiramente o leitor deve dominar este processo, designado por descodificação.

Posteriormente, o leitor terá de dominar a técnica de decifração, entendida como uma descodificação dos símbolos gráficos em sons.

De acordo com Pinheiro (2005, cit. por Ferreira, 2018, p. 9) “a descodificação refere-se ao uso eficiente da correspondência letra-som, tecnicamente denominada correspondência grafema fonema, no reconhecimento de palavras.

Para ser capaz de ler, o leitor, precisa saber como o sistema de escrita funciona, isto é, no caso da nossa escrita, feita com letras do alfabeto greco-latino, precisa de entender a característica fundamental desse sistema: o conhecimento de que as letras representam os sons da fala”. Logo, a descodificação é a competência base para o acesso a compreensão da linguagem escrita.

Desta forma é perceptível que a leitura implica a compreensão, não só pela decifração, mas também pela aprendizagem dos símbolos fonéticos, a identificação dos seus valores e a associação mecânica desses valores entre si. Ou seja, irá potenciar e alargar conhecimento, não só na escrita, bem como a possibilidade de o leitor adquirir novo vocabulário e conseqüentemente irá propiciar ao leitor a possibilidade de refletir e compreender tudo aquilo que lê, trazendo-lhe novos conhecimentos.

É certo que o conceito de leitura estará sempre associado à sua complexidade. Segundo Amaro (2010, p.12) a leitura é uma aquisição complexa que proporciona “possibilidades variadas de entendimento da relação sujeito-sociedade. Essa não se limita apenas à decifração de alguns sinais gráficos (...) irá exigir que o indivíduo participe de forma efetiva enquanto sujeito ativo neste processo, levando-o à produção de sentido e construção do conhecimento”.

Neste seguimento, ler deve ser um ato constante, persistente e praticado com regularidade, pois é através desta continuidade que o leitor poderá desenvolver e aperfeiçoar o seu vocabulário, bem como outras competências do pensamento. Tal como, Pedro Homem de Melo afirma no seu poema “Havemos de ir a Viana” “...

quem pára perde-lhe o jeito e morre a todo o momento (Sim-Sim, 2006, p.9). Posto isto, a leitura deve ser encarada do mesmo modo, porque acredito que quem não lê acaba por se negar o direito de aprender, de conhecer outras realidades, da possibilidade de “viajar” sem ter de sair do seu lugar, de aprender a refletir e questionar o mundo que o rodeia, enfim quem não lê acaba por negar-se a si mesmo a uma infinidade de possibilidades.

Na atualidade, a leitura passa a ser considerada como um instrumento essencial na formação do indivíduo, pois permite que o mesmo consiga através da leitura compreender-se a si, ao outro e ao mundo, bem como compreender solicitações de caráter social, técnico e profissional (Santos, 2000, p. 22).

Desta forma, a leitura passa a ser reconhecida como um ato interpretativo, que requer por parte do leitor diversas competências, tais como, a reflexão, o sentido crítico, a empatia, curiosidade, entre outras competências. Neste sentido, Faria (2009 citado por Santos E, 2012, p.10) destaca o papel “integrador” da leitura, ao afirmar que:

“a leitura é uma das ferramentas indispensáveis a vida em sociedade, para nela se viver, ser aceite e participar nos recursos que a mesma disponibiliza. É a partir da leitura que o individuo se insere num universo que até aí era desconhecido, desenvolvendo-se social e intelectualmente e fazendo as mais diversas aquisições”.

A mesma ideia é defendida por Sim-Sim (2006, pp. 7-8) ao afirmar que:

“na sua essência a leitura é simultaneamente um ato individual, no que isso encerra de processo pessoal de construção de significado, e de um ato social, no que envolve de partilha e de desenvolvimento coletivo”.

Kleiman (2008, p. 49, cit. por Galvão e Silva, 2017, p. 28) igualmente compreende a leitura como uma atividade diretamente ligada ao âmbito dos significados, ao afirmar que “[...] a leitura é um ato individual de construção de significados num contexto que se configura mediante a interação entre autor e leitor, e que, portanto, será diferente, para cada leitor, dependendo de seus conhecimentos, interesses e objetivos do momento”.

É certo que existiu uma grande evolução deste conceito, sendo que, esta transformação deve-se à própria sociedade que, ao longo do tempo foi-se transformando e exigindo novas competências, principalmente, nas últimas três ou quatro décadas do nosso século.

Numa sociedade cada vez mais exigente, e competitiva, é importante que a leitura não seja encarada como uma mera descodificação da linguagem, mas sim como um processo complexo e pluridimensional (Santos, 2000, p. 21).

Assim, é importante referir que o ato de ler torna-se um meio privilegiado de se ter acesso ao saber, sendo que a leitura consiste em descodificar a linguagem, expressa em sinais gráficos convencionais, extraíndo deles um significado (Santos, 2000, p.22).

A leitura passa a ser considerada como um instrumento precioso e indispensável ao indivíduo que se quer ativo, participante e útil na nossa sociedade. (Santos, 2000, p.22)

Apesar de não existir uma definição unânime acerca do conceito de leitura, é sabido que o ato de ler envolve competências do foro da decifração e da compreensão e, acima de tudo, a leitura tem de fazer sentido para quem lê. Só assim, conseguiremos ter leitores críticos, capazes de compreender e refletir sobre o que leem e sobre o que os rodeia.

## **1.2. Motivação para a leitura**

Quando se procura compreender o comportamento do homem, um dos aspetos fundamentais que se deve ter em conta prende-se com a motivação. Falar de motivação para a leitura implica referenciar o significado da palavra motivação, que, segundo o Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (2003, pp. 2551-2552), é o “ato ou efeito de motivar, entendendo motivar como dar motivo a causar, provocar, ocasionar, prender a atenção, provocar a curiosidade, interessar, prender”. Pode-se dizer que alguém que se encontra motivado é um indivíduo que dá o melhor de si para conquistar o que deseja no momento.

É incontestável que aprender a ler é uma atividade complexa e que requer, por parte do leitor, um aperfeiçoamento ao longo da vida, especialmente numa fase inicial, a leitura irá requerer por parte do leitor, esforço e treino, pelo que o fator motivacional será fundamental para o aperfeiçoamento desta técnica.

Baker e Wigfield (1999, pp 452-477) referem que a leitura é uma atividade “que exige esforço, que as crianças poderão escolher fazer ou não, e que requer motivação” (pp. 452-477). Ou, como afirmam Viana e Martins (2009, p.17)

“...aprender a ler exige esforço e uma criança motivada não desistirá facilmente face a eventuais dificuldades”.

É certo que a motivação para a leitura será sempre influenciada por todas as experiências que o leitor teve ao longo da sua vida. Assim, é importante proporcionar “encontros felizes”.

Famaroso (2013, p.10) defende que:

“as crianças que têm uma noção pré-concebida de que a leitura é difícil ou é uma “seca”, desenvolvem crenças mais negativas sobre o ato de ler, que poderão comprometer o seu desempenho neste domínio. Pelo contrário, se as crianças percecionarem esta atividade como agradável, atribuírem importância ao ato de ler”.

Estas crianças que demonstram sentimentos positivos face à leitura revelam que ao longo do seu percurso enquanto leitores tiveram auto percepções de competência e eficácia positivas. Assim, importa referir que os sentimentos nutridos face à leitura, levam a que o individuo procure ou evite situações de leitura.

A aprendizagem da leitura deve ter por base a curiosidade e o desejo de aprender do leitor. É importante perceber o que motiva, os seus interesses, as diferenças individuais, bem como compreender quais os fatores que podem despertar esse interesse.

De acordo com Bamberger (1975, cit. por Santos, 2000, p.71) “o jovem leitor (...) lê não porque se dá conta da importância da leitura, mas porque é incitado a ler por motivações e interesses diversos, correspondentes à sua personalidade e ao seu estágio de desenvolvimento intelectual”. Seguindo esta linha de pensamento, ainda afirma, o que uma criança aprende ou não aprenda na escola depende, muitas vezes, mais dos seus interesses do que da sua inteligência.

Ainda Bamberger (1975, cit. por Santos, 2000, p.71-72) refere que “existem dois tipos de motivações e interesses, no que se refere à leitura: os de carácter geral e os que caracterizam as diversas idades ou fases”.

Neste sentido, Santos (2000, p.72) menciona que a primeira motivação que leva a criança a ler, diz respeito ao “simples prazer de colocar em prática as técnicas de leitura recentemente adquiridas, bem como o entusiasmo resultante da descoberta de uma nova atividade intelectual”.

Deste modo, Santos, ainda sustenta em Bamberger (1975), que a leitura é uma resposta aos desejos inconscientes da criança, sobretudo no que se refere:

Ao prazer de encontrar coisas e pessoas familiares (...), ou de encontrar coisas e pessoas novas (...); o desejo de se evadir da realidade e de viver num universo imaginário (...); a necessidade de se afirmar, procura de ideias (...), de conselhos e de distrações (...) (Santos, 2000, p.72).

Outro fator a ter em conta, diz respeito às diferenças individuais de cada leitor, pois acabam por influenciar não só a leitura, como também os livros que escolhe.

Quando pensamos em compreender a dinâmica da motivação para a leitura, é necessário ter em conta o seu carácter multidimensional, que abarca vários aspetos específicos que a podem influenciar, nomeadamente, aspetos cognitivos, motivacionais e sociais.

Wigfield (1997, cit. por Mata et al., 2009, p.564) defende “que devem ser tidas em conta diferentes dimensões como: as auto perceções do leitor e sentimentos de eficácia que influenciam as expectativas de sucesso; os afetos associados à leitura, nomeadamente a satisfação e o prazer, os quais, por sua vez, refletem para outras dimensões como o valor e interesse atribuídos à leitura.”

Posteriormente, Wigfield (2000, cit. por Mata et al., 2009), aprofunda este tema, defendendo três grandes eixos, que na sua opinião são centrais no estudo da motivação para a leitura: (1) motivação intrínseca (MI) e extrínseca (ME); (2) perceções de competência e eficácia; (3) motivação social.

Segundo o autor, a análise de aspetos intrínsecos e extrínsecos permite uma melhor compreensão das razões subjacentes ao desenvolvimento de atividades de leitura, sendo que podem estar relacionadas mais com o prazer e interesse resultante da leitura ou com o facto de o leitor receber alguma coisa em troca (e.g. notas, reconhecimento de outra pessoa, etc.).

No que diz respeito às perceções de competência e eficácia, ou seja, às avaliações que o sujeito faz das suas capacidades para desenvolver determinada atividade, conseqüentemente esta avaliação irá influenciar a forma como o sujeito

participa na atividade. Esta avaliação pode funcionar como um facilitador ou inibidor face a um maior envolvimento por parte do sujeito.

Quanto à motivação social, o autor considera-a “central no que se refere à leitura, pois a leitura é frequentemente uma atividade social em que a sua utilização com fins sociais pode envolver a partilha de ideias e leituras” (Mata et al., 2009, p.564).

Ainda segundo Wigfield (2000), o facto de se considerar a motivação como multifacetada “implica que não se encare as crianças como motivadas ou desmotivadas, mas sim como podendo estar motivadas por razões diferentes” (Mata et al., 2009, p.564).

Torna-se assim, importante perceber quais as razões que influenciam essa motivação/desmotivação.

O autor refere, ainda, que as crianças intrinsecamente motivadas, que gostam de partilhar com os outros as suas atividades de leitura, tornar-se-ão provavelmente leitores mais envolvidos (Mata et al., 2009, p.564).

Em suma, a leitura é um processo multidimensional e complexo, que implica a integração de fatores cognitivos, motivacionais e sociais, que vão influenciar, positiva ou negativamente, a forma como o leitor se envolve.

### **1.3. Importância da família**

É sabido que a família, acaba por influenciar aquilo que somos ao longo da nossa vida, sendo que também no que diz respeito à leitura, existe um reflexo daquilo que é tomado como prática no seio familiar.

Assim, podemos afirmar que o núcleo familiar é, por excelência, um lugar privilegiado para fomentar, desde cedo, nas crianças, o interesse pela leitura. Nesse sentido, os pais, os irmãos mais velhos bem como os familiares mais próximos, terão grande influência nas conceções da criança em relação à leitura.

Tal como refere Moreira, (2014 p.30), “todo este processo começa no seio familiar onde estão os principais exemplos de conduta, e que serão tidos como modelos pela vida toda, por serem um espelho de princípios e de comportamentos. É neste ambiente propício à construção da personalidade que se marcam inevitavelmente as vontades, os desejos e as motivações.

Seguindo esta linha de pensamento, Baker (2003, cit. por Santos,2007), realça:

A influência dos pais no despertar da motivação e interesse para com a leitura e a escrita é fundamental e que, quando as crianças começam desde cedo a gostar desses contactos com a leitura e com a escrita, desenvolvem uma predisposição para ler frequentemente, que se mantém em anos subsequentes (p.215).

A mesma ideia é defendida por Eang e Guthrie (2004, cit. por Mendes, 2011, p.28) ao afirmar que “os pais possuem um papel muito importante na transmissão de valores e crenças às crianças, e que é com eles que aprenderão quais os comportamentos socialmente aceitáveis a adoptar. Dentro destes comportamentos sociais está também a leitura”.

Deste modo, Mendes, ainda sustenta em Fernandes (2004), que o envolvimento frequente das crianças em atividades de leitura conjunta com pais, irmãos e outros elementos da família, num ambiente harmonioso e estimulante, são uma fonte de motivação muito importante e que deve ser tida em conta.

Santos (2000, p. 76), sustenta, em vários autores, (Bamberger,1975; Wigfield e Asher, 1984; Manzano,1988; Swaby,1989; Marques,1990; Magalhães e Alçada, 1994) aspetos que propiciam o desenvolvimento e gosto pela leitura em contexto familiar.

O primeiro desses aspetos é a “existência em casa de material impresso diversificado: livros, jornais, revistas, etc.” (Santos, 2000, p.76)

A mesma ideia é defendida por Fernandes (2004, cit. por Mendes, 2011, p. 29) ao referir a “importância do contacto com diferentes materiais impressos e a sua existência em casa para que as crianças possam manipular à vontade”.

É importante que a criança, desde cedo, tenha contacto com livros e outros suportes de escrita, para que de uma forma livre e despreocupada possa manuseá-los, sem qualquer obrigatoriedade. Só assim será possível que a criança se familiarize desde muito cedo com os mesmos.

O segundo aspeto, segundo Swaby (1989, cit. por Santos, 2000, p. 76), consiste na importância de a criança observar os adultos que a rodeiam a ler. Para o autor, este fator acaba por ter grande influência no valor atribuído pela criança à leitura.

Seguindo esta linha de pensamento Moreira (2014, p. 34) defende que o exemplo que a criança “tem em casa é e sempre será o mais valioso, quanto mais vezes virem os pais a ler, mais fácil será valorizar o ato da leitura”.

Ainda, Santos evidencia que a criança “ao crescer num ambiente onde ler é um ato quotidiano; onde os adultos recorrem à leitura para se informarem, por imperativos profissionais ou, simplesmente, por prazer; onde aquilo que se lê é objeto de partilha e discussão, a criança torna-se sensível à necessidade de dominar a técnica da leitura e, portanto, recetiva em relação à sua aprendizagem.” (p.77)

O terceiro fator de motivação para a leitura em contexto familiar diz respeito ao contar histórias à criança, lendo para ela. Esta prática é defendida por diversos autores, como uma forma de despertar o gosto pela leitura, sendo que através desta prática é possível que a criança descubra a dimensão lúdica da leitura.

Do ponto de vista de Santos (2000, p.77) ouvir ler uma história suscita “o envolvimento emocional das crianças mais pequenas, ao mesmo tempo que lhes estimula a imaginação, porque as faz visualizar mentalmente as personagens, o cenário onde estas se movem e todo o enredo”.

Apesar destes três fatores serem muito importantes e evidenciados quase de forma sistemática quando se faz a abordagem da motivação para a leitura, existem outros que podem ocorrer no seio familiar e que acabam também por estimular não só o contacto entre a criança e o livro, bem como o gosto pela leitura de uma forma livre, espontânea e sem qualquer obrigatoriedade.

Santos (2000, p. 78) aponta algumas atividades que poderão fomentar o desenvolvimento de competências estimulando assim, a leitura e o gosto pela mesma, nomeadamente:

- Acompanhar a criança a livrarias ou bibliotecas, ajudando-a a escolher os livros de acordo com os seus interesses;

- Conversar com ela acerca de um livro ou discutir em torno de uma história acabada de contar (contribuindo para o seu desenvolvimento linguístico, nomeadamente pelo alargamento vocabular e conceptual);

- Proporcionar-lhe a aquisição de livros e a constituição da sua pequena biblioteca;

- Manifestar interesse pelas suas leituras, encorajando-a, elogiando-a e recompensando-a pelos progressos realizados.

Apesar destas atividades serem importantes para a motivação para a leitura no seio familiar, é importante esclarecer que não são as únicas responsáveis pelo desenvolvimento da literacia.

De acordo com Teberosky e Colomer (2001, p.130) é importante a “qualidade das relações afetivas entre pais e filhos” enquanto fator decisivo no interesse das crianças pela aprendizagem.

Segundo as mesmas autoras, “as crianças que têm melhores vínculos afetivos, em famílias que apresentam situações estimulantes na leitura compartilhada, mostram-se mais interessadas pela escrita, pedem mais leituras de livros e fazem mais perguntas sobre as letras” (p.130).

Contudo, segundo a bibliografia disponível na área em questão e com base em alguns estudos sobre a mesma, existe mais um fator que está relacionado com os níveis de motivação de leitura das crianças: as questões de caráter socioeconómico, educativo e cultural dos pais. Este fator não é unânime entre os diversos autores, sendo que alguns defendem que o estatuto socioeconómico e cultural não é encarado como determinante para a motivação e desenvolvimento de competências de leitura.

Segundo Wigfield e Asher, (1984, cit. por Santos., 2000, p. 78), por exemplo, “apesar de reconhecerem a importância dos fatores sociais, defendem que o envolvimento da família em atividades relacionadas com a leitura influencia as atitudes da criança de forma incisiva do que o estatuto social só por si”.

Assim, é importante enfatizar o papel dos pais e dos familiares mais próximos, pois apercebemo-nos que, realmente, desempenham um papel crucial e ativo na motivação das crianças. Este contributo continua a ser fundamental com a entrada da criança para escola, por exemplo através do envolvimento em atividades de literacia com a criança e do incentivo aos seus hábitos de leitura.

Importa também ter em conta que “o tipo de experiências valorizadas e proporcionadas, a frequência de experiências, a diversidade, a qualidade e a forma como são desenvolvidas, dependem de cultura para cultura, de comunidade para comunidade de família para família” (Mata, 1999, p. 66).

#### **1.4. Importância da escola**

Como sabemos, os hábitos de leitura são um processo contínuo, iniciam-se em casa e devem ser reforçados na escola.

Na atualidade, a escola enfrenta grandes mudanças, e é impensável não valorizarmos o nosso público-alvo. É importante não só conhecermos os alunos, como também valorizarmos os seus interesses e aspirações.

Na visão de Bastos (1991, cit. por Silva, 2014, p.407) tais “interesses e hábitos de leitura têm, durante o período da escolaridade, uma oportunidade única para o seu implemento e desenvolvimento, pelo que se apresentam com uma extrema importância as atitudes e a ação da escola face ao livro e à leitura”.

A escola é ainda considerada por muitos como uma segunda casa, devido à quantidade de tempo que as crianças e os jovens lá passam. Portanto também acaba por ocupar um lugar privilegiado na vida das crianças e adolescentes, sendo que cabe à escola cativar todos os leitores e não leitores, através de atividades prazerosas para todos.

Segundo Santos (2000, p. 79) uma condição “essencial para cultivar na criança e no adolescente o gosto e o prazer de ler é expô-los perante uma literatura que vá de encontro com os seus interesses”.

Outro aspeto a ter em consideração, diz respeito às preferências dos leitores. Como já fomos evidenciando ao longo deste trabalho, é importante que a leitura seja significativa, para que o leitor possa interpretar/extrair um significado daquilo que lê, assim, é importante que o professor conheça os interesses, os gostos, a cultura e o meio dos seus alunos.

Neste sentido, tal como refere Moreira (2014, p.35) “a escola deve por isso discutir assuntos de várias ordens e que os alunos gostem, servindo de atrativo para os hábitos de leitura, fazendo com que os alunos progressivamente desejem explorar outros temas, outros livros e anseiem conhecer novas histórias que os conduzam a universos desconhecidos”. Defende ainda que “uma escola desligada do mundo exterior dos seus alunos, dos seus anseios, dos seus interesses e aflições, corre seriamente o risco de ser ultrapassada e ficar para trás, contribuindo desta forma para a criação de “inimigos da leitura”.

De acordo com Santos, (2000, p.79) é relevante na escola serem encontradas várias estratégias para dinamizar momentos de leitura.

É, portanto, necessário criar tempo e espaço para a leitura. Neste sentido, a biblioteca escolar torna-se indispensável, sendo que o professor possui um papel de estimulador face à frequência dos alunos a este espaço. Seja como forma de pesquisa de uma determinada bibliografia, para a realização de algum trabalho escolar ou, simplesmente, pelo prazer de poderem ler o que desejarem.

Seguindo ainda a linha de pensamento do autor, este sugere que devemos partir dos temas e dos livros que mais agradam às crianças ou adolescentes, para depois o porem em contacto com outros livros. O autor explica sustentado em Magalhães e Alçada (1993, cit. por Santos, 2000, p. 80), que após criado o gosto pela leitura, “deve-se então proporcionar o encontro do leitor com a maior variedade de livros que for possível, chamar a atenção para a diversidade de estilo, para a riqueza de cada autor e, assim, ajudar cada um a descobrir os caminhos múltiplos e fascinantes que a literatura lhe oferece”.

Desta forma, poderemos afirmar que a motivação e a conseqüente criação de hábitos de leitura, nas crianças e nos adolescentes, podem ser encaradas como um meio para promover o sucesso escolar como um todo e não só no domínio da leitura, pois como refere Santos (2000, p. 81) “para termos uma noção da importância que a leitura assume na vida escolar, basta-nos pensar que ela é um dos principais instrumentos de apropriação dos conhecimentos transmitidos nas diferentes disciplinas curriculares” e, que muitas vezes o sucesso ou insucesso, deve-se à incapacidade para utilizar, de forma ajustada, as suas estratégias de leitura”.

De acordo com Sim-Sim (1998, p.31) “deverá ser um objetivo primordial do sistema educativo permitir e encorajar cada criança a usar a língua com o máximo de eficácia, quando fala, ouve falar, escreve e lê”. Torna-se assim essencial que a comunidade escolar, consiga compreender a leitura como um todo, sendo que o seu desenvolvimento trará conseqüentemente benefícios para todas as áreas do saber.

Ainda, torna-se importante evidenciar que o gosto pela leitura, deve ser incentivado em todas as áreas do saber, sendo que, não deve só da responsabilidade da disciplina do Português.

Do ponto de vista de Coutinho; Azevedo (2007, p.40) “o papel da escola em relação à leitura alterou-se substancialmente, nos últimos tempos, e ela – a leitura – não pode ser só responsabilidade da aula de Português. Terá que ser uma responsabilidade partilhada para a orientação do gosto e do encantamento pela leitura e pela literatura. Compreender que a leitura é tarefa comum a todas as áreas é o passo inicial para este compromisso”.

### **1.5. O papel do professor**

Sempre ouvimos dizer que devemos liderar pelo exemplo e, dentro da sala de aula, não é exceção.

O professor acaba por desempenhar um papel não só crucial, como também privilegiado na vida das crianças. Assim, através do seu exemplo, o docente, deve despertar o gosto pela leitura. Terá a tarefa de multiplicar, ou não, os leitores à sua volta através de um conjunto de estratégias, que devem ser inclusivas, diversificadas e significativas para cada um dos alunos. Sabemos que não é uma tarefa fácil, uma vez que a motivação dos alunos, como já fomos verificando ao longo da dissertação, é influenciada por diversos fatores. Assim sendo, podemos constatar que se o professor deseja ser promotor da leitura ele próprio deve ser um leitor assíduo.

Os alunos acabam por ser o espelho do seu professor e neste aspeto torna-se importante que ele esclareça os seus alunos sobre a importância da leitura para a vida, não só, estudantil, como também pessoal.

Tal como fui, igualmente, mostrando ao longo deste relatório, só conseguiremos incentivar os alunos se conhecermos bem os seus interesses, as suas motivações, o seu meio, enfim, se conhecermos cada aluno como um todo, valorizando os seus conhecimentos e interesses.

Assim, numa primeira fase, o professor deve compreender nas primeiras aulas quais são os interesses e as atividades que motivam os alunos. Ao conhecer bem a sua turma, irá ser-lhe possível pensar em atividades específicas de motivação para a leitura.

Essas atividades devem ser dinâmicas, tendo sempre uma intenção educativa e não devendo ser encaradas apenas como um momento de diversão. O professor também deve ter atenção ao tipo de linguagem que utiliza, não devendo recorrer a expressões tais como: “ler de forma divertida”, pois com este tipo de comentários

poderá estar a desvalorizar as atividades, dando a ideia que se trata de uma brincadeira, quando a intenção é, essencialmente, educativa.

Deverá também utilizar palavras de incentivo, demonstrando que todos os alunos são capazes. O professor deverá ter em consideração diversas estratégias de ensino/aprendizagem para que dessa forma consiga proporcionar aos seus alunos um maior grau de motivação para a leitura. Ao oferecer-lhes momentos de estimulação que os leve a ter vontade de ler e refletir sobre os temas abordados fará com que o seu interesse desperte. Preferencialmente, deve motivar os alunos à reflexão dos temas abordados, demonstrando que só é possível evoluir com trabalho e muita persistência.

O docente deverá, também, desempenhar o papel de orientador colocando questões de forma cuidadosa a fim de estimular as ideias, ouvindo, auxiliando e conduzindo. Essa orientação será essencial para que o aluno consiga confrontar as suas ideias, auxiliando-o a chegar sozinho a uma resolução.

É ainda prioritário que o professor tenha em conta e valorize os conhecimentos prévios do aluno, fazendo-o sentir valorizado, integrado, bem como fazê-lo sentir que o seu contributo é relevante, não só para a sua aprendizagem, como também para a dos seus colegas. Ao valorizar os conhecimentos do aluno, acaba por demonstrar ao mesmo que a aprendizagem é um processo constante e que não devemos esquecer os conhecimentos adquiridos anteriormente.

O professor tem igualmente a importante tarefa de demonstrar o potencial de uma leitura significativa. Deve ensinar os seus alunos a compreenderem a leitura, pois precisarão dessas competências no dia-a-dia para compreender o mundo que os rodeia.

Ecco (2010 cit. por Moreira, 2014, p.38) acaba por resumir de forma adequada todas as reflexões feitas sobre a importância da leitura como forma de entendermo-nos a nós, ao outro e ao mundo:

o ato de ler é um exercício de indagação, de reflexão crítica, de entendimento, de captação de símbolos e sinais, de mensagens, de conteúdo, de informações... é um exercício de intercâmbio, uma vez que possibilita relações intelectuais e potencializa outras. Permite-nos a formação dos nossos próprios conceitos, explicações e entendimentos sobre a realidade, elementos e/ou fenómenos com os quais nos defrontamos.

É um facto que nos dias que correm o professor continua a ser um fator chave no processo de ensino-aprendizagem dos seus alunos, tal como menciona Roldão (1998) através dos seguintes motivos:

(...) o professor é professor porque ensina, é professor porque o trabalho que dele se espera é de gerar e gerir formas de fazer aprender. (...) Fazer aprender pressupõe a consciência de que a aprendizagem ocorre no outro e só é significativa se ele se apropriar dela ativamente. Por isso mesmo são precisos professores. Se a aprendizagem fosse automática, espontânea e passiva, o professor seria desnecessário. Se, para aprender, bastasse proporcionar informação, seria suficiente ter posto os livros nas mãos dos alunos ou disponibilizar-lhes hoje tecnologias de informação. Mas é precisamente porque aprender é um processo complexo e interativo que se torna necessário um profissional de ensino- o professor (pp.82-83).

## **1.6. A escola e o uso das tecnologias**

Como refere Ponte (2000, p. 63) todas as épocas são marcadas por um fator determinante de alguma mudança na sociedade. A nossa época é marcada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) que segundo o mesmo, representam um marco determinante de mudança na sociedade.

O desenvolvimento tecnológico das últimas décadas originou avanços extraordinários em todas as áreas do conhecimento, e a educação não foi a exceção.

É certo que as novas tecnologias vêm revolucionar o quotidiano de todos, e graças as mesmas, surgem novas atividades económicas que passam a depender delas; alteram-se profissões e atividades, alteram-se a forma como comunicamos e até mesmo a forma como encaramos o mundo.

Assim, Santos (2015) acredita que a integração das TIC na escola é o resultado da necessidade do seu público-alvo, que desde cedo contacta com o mundo digital.

Castells (2005 cit. por Santos., 2015, p. 1) evidencia que no contexto da educação, a escola surge “como um espaço privilegiado de interação social, integrado nos demais espaços de conhecimento que incorporam a informação, a matéria-prima e as tecnologias agir sobre a informação, pois permite fazer as pontes entre conhecimentos tornar-se num novo elemento de cooperação e transformação”.

No entanto, no que se refere ao acesso a técnicas, instrumentos e experiências únicas ligadas às novas tecnologias a escola deixou de ser um lugar privilegiado. Assim, a escola passou a ser encarada pela sociedade como um local conservador uma vez que não acompanha os progressos da nossa sociedade.

Sabemos que estamos na era da tecnologia, sendo que a nossa sociedade é identificada como a sociedade da informação (SI), e torna-se vital para a escola tentar acompanhar as evoluções ocorridas no campo tecnológico bem como as transformações sociais ocorridas na nossa sociedade.

A escola como instituição sente-se muitas vezes como um elástico, puxada de todos os lados, pressionada a agir pela mudança, mas muitas vezes agarrada a uma lógica tradicional de atuação tentando manter o equilíbrio (precário), resistindo. Não pode continuar atrasada em relação às grandes mudanças sociais operadas a um ritmo cada vez maior, sob pena de se tornar obsoleta por não dar resposta aos múltiplos desafios e papéis dos tempos atuais que se caracterizam pela profunda transformação tecnológica operada pela rápida evolução e difusão de novas tecnologias, principalmente as associadas às comunicações e aos computadores. Estas tecnologias têm a capacidade de alterar a difusão das ideias e das formas de viver em sociedade, da forma de estudar, do relacionamento entre pares e a forma de ocupar os tempos livres. Estas potencialidades influenciam consequentemente a escola na sua forma de agir e de se relacionar com a sociedade. (Silva, 2004, p.10)

Sabemos ainda, que apesar da escola possuir dificuldades em acompanhar esta evolução, devemos reconhecer o esforço atual por parte da escola em integrar as novas tecnologias em contexto sala de aula.

Em Portugal foi implementado, em 2007, o Plano Tecnológico da Educação (PTE, 2007), tendo como ambição colocar Portugal entre os cinco países europeus mais avançados em matéria de modernização tecnológica das escolas até 2010.

Com um período de implementação previsto de três anos (2007-2010) e estruturado em três grandes eixos – Tecnologia, Conteúdos e Formação – pretendia abarcar na globalidade ou em parte, todas as áreas relacionadas com a modernização da escola portuguesa. Este plano ambicioso propunha atingir os seguintes objetivos até 2010: Atingir a rácio de dois alunos por computador com ligação à Internet; Garantir

em todas as escolas o acesso à Internet em banda larga de alta velocidade de pelo menos 48 Mbps; Assegurar que, em 2010, docentes e alunos utilizam TIC em pelo menos 25% das aulas; Massificar a utilização de meios de comunicação eletrónicos, disponibilizando endereços de correio eletrónico a 100% de alunos e docentes já em 2010; Assegurar que, em 2010, 90% dos docentes veem as suas competências TIC certificadas; Certificar 50% dos alunos em TIC até 2010. (Santos, 2015, p.87)

É certo que houve um grande esforço em integrar as novas tecnologias em todas as escolas do nosso país, todavia, alguns relatos de colegas da área constam que muitas vezes as escolas não estão devidamente equipadas, sendo que muitas vezes o recurso à internet acaba por falhar na grande maioria das vezes.

É importante ainda reconhecer que o uso das tecnologias em contexto sala de aula, não deve ser utilizada meramente como forma de facilitar o trabalho do docente, sendo que muitas vezes o uso do computador e das novas tecnologias estão associados a programas e modos de ensinar meramente expositivos, em que é exigido aos alunos uma única resposta.

É essencial, que as novas tecnologias sejam utilizadas como forma de os alunos obterem uma variedade de respostas e estímulos que os incentivem às aprendizagens significativas dentro e fora da escola. Em suma, as novas tecnologias quando bem utilizadas podem favorecer um ensino com mais qualidade e eficácia.

## **1.7. O professor e as novas tecnologias**

Na atualidade encontramos diferentes atitudes por parte dos professores em relação às TIC.

Alguns, olham-nas com desconfiança, procurando adiar ao máximo o uso das mesmas dentro da sala de aula, os mais tradicionalistas, que acabam por recusar por completo a sua utilização. Uns acabam por utilizá-las no seu quotidiano, mas na prática profissional, não sabem como as integrar de forma a proporcionar um cruzamento de ferramentas. Outros, ainda, procuram usá-las nas suas aulas sem alterar as suas práticas. Utilizam-nas para tarefas simples como escrever o sumário, marcar as faltas, entre outras.

E, por fim, existe uma minoria que tenta inovar no que se trata ao uso das novas tecnologias em contexto sala de aula recorrendo a suportes mais elaborados para a

exposição de conteúdos, sendo que o aluno desempenha um papel mais ativo na sua formação.

Segundo, Ponte (2000, p. 63) esta “minoria entusiasta desbrava caminho, explorando incessantemente novos produtos e ideias, porém defronta-se com muitas dificuldades como também perplexidades”.

Apesar das dificuldades sentidas por esta minoria, a nova geração de professores, reconhece que o uso das tecnologias dentro da sala de aula é essencial, no entanto, também reconhecemos que não deve ser o único recurso a utilizar. Deve sim, ser um cruzamento entre diversas estratégias que possibilitem ao aluno maior entusiasmo, interesse, e conseqüentemente, maior desejo pela aprendizagem.

Segundo esta linha de pensamento, Costa (2003, p.1) realça que os professores têm sido desafiados ao “seu próprio desenvolvimento profissional, mas, sobretudo, para poderem utilizá-las com os seus alunos, proporcionando-lhes situações de aprendizagem inovadoras, mais interessantes e mais próximas da realidade envolvente”.

É certo, que as novas tecnologias vieram proporcionar uma abertura dos horizontes, proporcionando também, uma nova partilha de informação e experiências que acabam por proporcionar ao docente maior reflexão sobre a sua prática, e conseqüentemente uma mudança na forma como leciona.

Segundo Moran (2006 cit. por Santos, 2015, p. 87) “a Internet pode ajudar o professor a preparar melhor a sua aula, a ampliar as formas de lecionar, a modificar o processo de avaliação e de comunicação com o aluno e com os seus colegas.”

É certo que as TIC não vão substituir a importância do papel desempenhado tanto pela escola como pelo professor no desenvolvimento dos alunos como um todo; cabe sim ao docente e às escolas, utilizar esta ferramenta como forma de ampliar as aprendizagens significativas, mas o seu uso irá depender “também, de uma forma muito direta, da preparação efetiva que os professores têm (ou não têm) para promoverem a sua inserção nas atividades escolares” (Costa, 2008, cit. por Santos, 2015, p. 87).

## **1.8. Os alunos e as novas tecnologias**

Tal como já mencionamos, a sociedade mudou e neste sentido, também o docente enfrenta vários desafios. Um deles diz respeito aos seus alunos, uma vez que a atual geração é muito diferente das anteriores.

Os alunos, desde muito cedo, estão em contacto com as novas tecnologias, sendo que já fazem parte integral do seu quotidiano, assim torna-se essencial que as mesmas sejam integradas no contexto escolar.

Segundo Freitas (2007 cit. por Santos., 2015, p. 5) ao longo de todo o ensino básico as escolas devem garantir “no currículo dos alunos a possibilidade de estes adquirirem uma capacidade significativa na utilização dos computadores e da internet”.

Seguindo como exemplo o uso do computador em contexto sala de aula, é importante aproveitar o que este recurso provoca nos alunos, nomeadamente, o interesse, a atenção, a motivação, etc.

Tal como todos os recursos, é importante que não seja encarado como uma mera diversão, mas sim como um recurso com intenção educativa.

As novas tecnologias irão proporcionar ao aluno a oportunidade de aprender a aprender, de maior autonomia, bem como a descoberta da utilização das novas tecnologias para a aquisição de um maior conhecimento e de respostas para possíveis inquietações.



## **CAPÍTULO II- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**



## **2.1. Definição do problema/objeto de estudo**

Ao longo do meu percurso, enquanto futura docente, fui-me conhecendo e posso afirmar que cresci imenso ao longo deste período. Aprendi, acima de tudo, que o mais importante são as aprendizagens, e que elas só serão relevantes se forem prazerosas e significativas para as crianças.

Assim, tornou-se crucial colocar as crianças no centro das aprendizagens, sendo que as atividades de motivação para a leitura teriam de ser adaptadas consoante as necessidades, quer a nível pessoal, quer a nível social, de cada criança.

A primeira fase deste trabalho passou por me tornar mais próxima da turma. Desta forma, consegui perceber o contexto familiar, o que os motiva, as suas necessidades bem como o ambiente entre a turma. Portanto, estabeleci como prioridade uma aproximação a cada um dos educandos, para perceber todos os elementos previamente enumerados, e depois da respetiva análise, passaria para a fase da planificação das atividades de motivação para a leitura adequadas a estes alunos.

Após dois meses de observação, percebi rapidamente que se tratava de uma turma com pouco contacto com a leitura, desmotivada, e com alguns problemas familiares. Logo, tornou-se decisivo para esta investigação, encontrar várias atividades que promovessem não só “um encontro feliz” entre a turma e a leitura, como também uma forma de utilizar os conhecimentos e as experiências dos alunos para a promoção da reflexão individual e em grupo. Ao mesmo tempo fazer com que através de atividades diversificadas os alunos pudessem sentir-se valorizados.

Ao longo desta investigação, percebi que a motivação social e os interesses dos alunos seriam importantes para o sucesso destas atividades, assim tornou-se essencial encontrar várias atividades que pudessem estimular intrinsecamente e extrinsecamente os alunos.

Mediante esta constatação, o objeto de estudo deste trabalho diz respeito à forma como se pode motivar os alunos para a leitura. Leitura, essa, que deve ser significativa e onde cada aluno pode extrair um significado daquilo que lê. Posto isto, pretende-se analisar se a utilização das novas tecnologias, bem como a utilização de atividades práticas contribui, ou não, para motivar os alunos para a leitura.

### **Formulação dos objetivos**

É através da leitura que as crianças começam a desenvolver o poder da imaginação, reflexão e argumentação. Assim, pretendo com este trabalho:

- Estimular o pensamento crítico, a imaginação e o respeito mútuo;
- Estimular o contacto com diferentes livros;
- Estimular a participação da turma em atividades de motivação para a leitura.

### **2.2. Pertinência da escolha do tema**

Para Rodrigues (2012, cit. por Silvestre, p. 5) a escola atual enfrenta dois grandes desafios: garantir que todos os jovens a frequentem, cumprindo a escolaridade obrigatória, atualmente o 12º ano de escolaridade, e assegurar uma educação de qualidade.

Porém, importa questionar até que ponto a escola está preparada para desenvolver competências para o desenvolvimento intelectual, social e, especialmente cívico de cada aluno. Nesta era da informação, regista-se a valorização da criatividade e do conhecimento do ser humano.

Segundo Silvestre (2015 p. 5) “a sociedade exige indivíduos com competências complexas, com capacidades tais como o trabalho em equipa, o aprender a aprender, flexíveis e com a capacidade se adaptar a novas e inesperadas situações”.

Na atualidade, a escola enfrenta diversos desafios e, cada vez mais, é-lhe exigido que desenvolva na criança/adolescente maior consciência para o seu papel na sociedade, sendo que mais do que adquirir competências ao nível do saber é fundamental desenvolver nas crianças uma atitude crítica perante o meio envolvente, para que assim consigam participar de uma forma ativa na sua comunidade. Sabemos que a leitura é essencial na vida do ser humano e, que é através da mesma, que o mesmo consegue perceber-se a si, ao outro e ao mundo. A leitura enriquece a nossa vida e o facto de vivermos na era da informação é crucial que cada indivíduo adquira, ao longo da vida, um conjunto de competências essenciais para a sua participação, ativa, na sociedade.

Apesar da importância da leitura, sabemos através da revisão efetuada sobre a motivação para a leitura, que acaba por revelar um dado preocupante: as crianças

ingressam no 1º ciclo com níveis elevados de motivação para ler. No entanto, à medida que os processos de aprendizagem se tornam mais complexos, a motivação intrínseca diminui, por sua vez a motivação extrínseca aumenta. (Mata et al., 2009, p.564)

Também segundo o mesmo autor, existem “certos domínios da motivação, tais como os aspetos sociais associados à partilha de livros e de leituras com os outros”. (Mata et al., 2009, p.564)

Assim, esta investigação torna-se importante na medida em que tentarei compreender se os fatores sociais, a valorização dos conhecimentos prévios dos alunos através de atividades práticas, bem como o uso das novas tecnologias irão motivar os alunos do 4ºano de escolaridade para a leitura.

### **2.3. Caracterização da amostra**

A amostra utilizada no presente estudo é constituída por 16 crianças (10 crianças do género masculino e 6 crianças do género feminino), com idades compreendidas entre os 9 e os 10 anos de idade, correspondendo assim ao último ano de escolaridade do primeiro ciclo.

A grande maioria dos alunos são provenientes da localidade onde se situa a escola, Coimbra.

Genericamente, as crianças deste grupo provinham de famílias pouco numerosas, sendo alguns filhos únicos.

Advinham de um meio sociocultural e socioeconómico médio-baixo, sendo que a grande maioria dos encarregados de educação apresentam como habilitação académicas, o secundário, os restantes ou frequentaram o terceiro ciclo ou níveis inferiores e desta forma, a grande maioria dos alunos não tem hábitos de leitura, sendo que alguns participantes, expressaram verbalmente o seu desinteresse pela leitura ao longo do ano letivo.

Em relação aos obstáculos que pude observar na turma, notou-se que os alunos têm dificuldades em trabalhar em grupo e, essencialmente, dificuldades aferidas ao nível linguístico, nomeadamente na compreensão do texto e interpretação de enunciados, uma vez que a grande maioria não possui hábitos de leitura.

## **2.4. O projeto “Motivar para a leitura” ( data) in**

O 1º Ciclo do Ensino Básico é fundamental para o desenvolvimento e construção da identidade de cada criança. Como tal, esta fase constitui uma importante etapa da escolaridade, onde se concretiza, de uma forma mais ampla, o desenvolvimento e progresso, que promove a realização individual de todos os cidadãos, nomeadamente as crianças em idade escolar, em harmonia com os valores da solidariedade social, preparando as crianças para uma intervenção útil e responsável na comunidade (Ministério da Educação, 2004).

É essencial que no 1º CEB, sejam assegurados vários aspetos na aquisição dos conhecimentos e desenvolvimento da criança. Assim, a criação do projeto “Motivar para a leitura” nasce com o intuito de promover “encontros felizes” entre as crianças e a leitura.

No decorrer da minha prática educativa verifiquei a inexistência de momentos de partilha e diálogo sobre alguns dos temas que eram abordados nas leituras realizadas e que, na minha perspetiva, podiam ser relevantes para a formação pessoal das crianças. É nesta sequência que surge a ideia deste projeto, onde o principal objetivo seria proporcionar à turma, alvo desta investigação, atividades práticas, que promovessem a interação social, a partilha de ideias, bem como a reflexão, pessoal e social, sobre os temas abordados nas obras literárias.

Tal como foi referido na definição do problema/ objeto de estudo, a turma mostrou não possuir hábitos de leitura e este projeto tornou-se essencial, não só para promovê-los como também para fomentar o desenvolvimento de competências, nomeadamente o espírito crítico, fundamental na formação destas crianças enquanto seres ativos de uma sociedade, cada vez mais, exigente.

A discussão e partilha de experiências entre o grupo, iria permitir que estas crianças não só pudessem exprimir as suas opiniões, como também conseguissem relacionar os temas abordados ao seu quotidiano, num debate estável e tranquilo.

Tendo como ponto de partida os interesses da turma, foram selecionadas duas obras de literatura para a infância: “O livro da avó” de Luís Silva e “Sou especial porque sou eu!”, de Sarah Massini. Farei uma pequena explicação de como é que

surgiu a ideia da abordagem destas obras e quais é que foram atividades desenvolvidas neste projeto com o intuito de motivar para a leitura.

## **2.5. Primeira intervenção: Atividades em torno da obra “O livro da avó”**

### **2.5.1. Como surgiu a escolha do tema**

Com a devida bibliografia analisada, o passo seguinte seria perceber quais eram os interesses da turma para, desta forma, prosseguir para a atividade de motivação para a leitura. Contudo, e devido às diferentes preferências dos alunos, foi difícil chegar a um consenso. Nesta fase teve de haver um equilíbrio face às escolhas dos discentes, para que sentissem que a sua opinião era valorizada e, ao mesmo tempo, os levasse a adquirir motivação à participação na atividade.

Não foi fácil encontrar uma obra que suscitasse o interesse por parte de todos; assim, tive de aguardar, observar e descobrir quais eram os temas que despertavam maior interesse ao grupo.

Posto isto, o tema surgiu, em dezembro, com a escrita dos postais de natal, onde os alunos tinham como tarefa escolher um familiar, especial, a quem deveriam escrever uma mensagem de natal. Através desta atividade, reparei que alguns alunos decidiram oferecer os postais de natal aos seus avós e nesta sequência achei pertinente abordar esta temática.

Assim o conto – “O livro da avó”, torna-se especial para a turma na medida em que através do mesmo poderão partilhar com os seus colegas bons momentos familiares, bem como recordar algumas memórias que não partilham tão frequentemente.

## 2.5.2. Explicação da atividade

- **1ª Atividade - “Chuva de Ideias”**

Iniciamos a primeira atividade de motivação para a leitura com uma “chuva de ideias”. Sem qualquer explicação prévia, foi colocada uma imagem de uma senhora idosa no quadro. De seguida, o grupo foi questionado sobre o que poderia representar aquela imagem.

O objetivo era fazer com que os alunos chegassem à conclusão que se tratava de uma senhora idosa; de seguida, em forma de diálogo, pretendia que se chegassem ao tema das avós e através desse tema os alunos foram novamente questionados sobre como é que as suas avós são, quais são as suas qualidades e o que gostam de fazer.

O objetivo desta “chuva de ideias” era realmente que todos os alunos tivessem a oportunidade de participar, sentindo que as suas ideias eram importantes para a construção e desenvolvimento da atividade.

Como já foi mencionado, é importante que os alunos se sintam valorizados, integrados, bem como sintam que o seu contributo é relevante, não só para as suas aprendizagens, como para a dos seus colegas. Deste modo, esta atividade (**figura 1**) pareceu-me ser a estratégia mais adequada para valorizar o contributo dos alunos, sendo que o meu papel seria secundário, desempenhando um papel de mediador entre o grupo, estimulando-os a participar e valorizando, sempre, o seu contributo, através de elogios. O importante desta atividade consistiu em motivá-los, bem como iniciar o diálogo sobre os seus avós. Nesta primeira atividade a turma teve a oportunidade de refletir sobre quem são os seus avós, bem como sobre as atividades que fazem juntos.



escritas como os acontecimentos do seu quotidiano. (Santos, 2015, p. 4) Desta forma, é importante evidenciar, que ao ouvir contar histórias a criança tem a oportunidade de enriquecer e desenvolver a sua imaginação, ampliar o vocabulário, desenvolver o pensamento lógico e o espírito crítico, através de manifestações de humor e de satisfação da sua curiosidade natural. Também, ajuda fomentar o desejo de ela própria adquirir competências linguísticas para que ela própria consiga ler e contar histórias.

Ainda relativamente à pertinência da leitura de histórias, Rigolet (2009) refere que esta desempenha um papel fundamental, pois alimenta a memória coletiva, transmite valores, celebrando um ritual temporal em cada um dos seus ouvintes e/ou leitores.

Sobre a leitura modelo, devo referir que enquanto futura docente, é fundamental, refletir sobre a importância de ter em atenção aos seguintes aspetos aquando da leitura em voz alta: o tom e a colocação da voz, a forma como articulam as palavras, a dicção, a fluência, a entoação e o ritmo, pois muitas vezes somos o único modelo de leitor que as crianças têm.

Desta forma, proporcionamos à criança a oportunidade de ouvir uma leitura fluente, que acaba por fornecer ideias que poderão ser tomadas como exemplo pela criança aquando da leitura das suas próprias histórias.



**Figura 2- Visualização da história “O livro da avó” de Luís Silva**

- **3ª Atividade - Leitura e exploração do conteúdo**

De seguida, deu-se o início à leitura da obra por parte dos alunos. Numa primeira fase tiveram a oportunidade de realizar uma leitura silenciosa do texto, para que se pudessem apoderar do conteúdo, sentindo-se confiantes. De seguida, passamos à leitura em voz alta do texto, sendo que iniciamos também, um diálogo acerca das informações nele presente.

Iniciamos a nossa exploração do conteúdo, através da análise da capa, contracapa e das guardas do livro. Através deste diálogo foi possível analisar as cores, bem como quais seriam as relações existentes entre estes elementos e o conteúdo da história.

Questionei também os alunos, acerca da roupa utilizada pela avó e o neto com a seguinte questão: porque é que a avó utiliza sempre roupas pretas e o menino roupas alegres? Qual poderá ser o seu significado?

Apesar de termos analisado, minuciosamente, todo o conteúdo, foi dada maior importância ao final da história. Novamente, os alunos foram questionados com a seguinte questão: “Porque é que o menino disse no final fazes-me falta?” O objetivo era que os alunos chegassem à resposta que a avó fazia falta ao seu neto porque poderia ter falecido ou voltado para África, de modo a que se pudesse discutir a mensagem do livro, que passa por valorizarmos as pessoas enquanto estão presentes na nossa vida.

É importante referir que ao analisarmos o conteúdo de uma história, cada aluno irá atribuir o seu próprio significado, sendo que poderão existir diferentes interpretações e às quais analisaremos posteriormente.



Figura 3 - Leitura e análise da obra

- **4ª Atividade- A minha avó**

Para esta atividade foram colocados no quadro, em várias cartolinas, diversos modelos de rosto, roupa e calçado.

Com base nos modelos apresentados, os alunos tiveram de construir uma imagem representativa de uma das suas avós para, numa primeira fase, poderem descrever a avó a nível físico. Nesta descrição tiveram de referir, se a sua avó tinha o cabelo curto ou comprido, qual era a cor do seu cabelo, se utilizava óculos ou não, se preferia utilizar saias ou calças, entre outros aspetos.

Numa segunda fase, foi pedido aos alunos que escolhessem duas características de que gostassem mais na sua avó.

Posteriormente, os alunos iniciaram a apresentação das respetivas avós dizendo como é que se chamava, onde é tinham nascido e qual era a sua idade. De seguida, os alunos tiveram de explicar quais foram os modelos utilizados para representar a sua avó e o porquê dessa escolha. Depois, relataram quais tinham sido as duas características que selecionaram para descrever a avó, bem como explicar o que mais gostam de fazer com a mesma e justificar a escolha.

Por fim, cada aluno teve de retirar uma pergunta da caixa da avó onde consoante os seus conhecimentos, acerca da sua avó, teriam de dar uma resposta.

O objetivo consistia, numa primeira fase, numa reflexão, individual, sobre a questão que lhes foi colocada. Após a resposta do primeiro aluno, todo o restante grupo foi questionado da mesma forma para que todos os alunos pudessem ir refletindo sobre o quanto conheciam a sua avó.

Terminada esta partilha sugeri que, em casa, questionassem os seus pais ou as suas próprias avós sobre determinados assuntos que lhes tivesse suscitado alguma curiosidade. Sugeri, ainda, que realizassem um texto descritivo sobre as suas avós para que assim pudesse compreender quais foram as aprendizagens realizadas durante a atividade.



**Figura 4- Modelos para a construção da Avó**



**Figura 5- Caixa de perguntas**

## **2.6. Segunda intervenção: Atividades em torno da obra- “Sou especial porque sou eu!”**

### **2.6.1. Como surgiu a escolha deste tema**

A escolha do tema da segunda intervenção surgiu devido a um problema que foi identificado na turma. Ao longo das minhas intervenções, enquanto estagiária, notei que existia, por parte de alguns elementos, comportamentos pouco adequados em relação a uma colega da turma.

Apesar de sabermos que o *bullying* sempre existiu dentro e fora das escolas, este é um tema bastante atual que preocupa toda a comunidade escolar, sendo que se torna crucial educar as crianças de forma a terem comportamentos positivos para com os seus colegas.

Importa esclarecer que o *bullying* pode ser definido como um comportamento intencional, prolongado e repetitivo, que pode surgir sob a forma de agressões diretas ou indiretas relativamente a um indivíduo mais fraco ou com menos poder ou estatuto entre os pares (Olweus & Limber, 2010 cit. por Santos., 2015, p. 4)

Assim, através da leitura de uma obra que aborda esta problemática, pretendi sensibilizar a turma para a importância de se aceitarem tal como são, percebendo que todos têm qualidades, e acima de tudo, que devemos tratar o outro sempre com respeito.

A obra “Sou especial porque sou eu!”, de Sarah Massini, vem realmente enfatizar a importância de aceitarmos que todos nós somos especiais, únicos e, principalmente, que devemos nos aceitar tal como somos. Deste modo, pretendo através da leitura desta obra, que a turma possa refletir sobre esta temática.

Seguindo esta linha de pensamento Rigolet (2009, p.138) realça que:

“a literatura preenche vários papéis na criança: ela permite-lhe conhecer melhor o mundo que a rodeia enquanto a ajuda a construir atitudes positivas, como a autoestima, a tolerância para com os outros, a curiosidade perante a vida”.

## 2.6.2. Explicação da atividade

- **1ª Atividade- construção de um texto a partir de imagens**

Iniciamos esta primeira atividade pela formação de grupos, foram escolhidos três grupos de trabalho. Segundo Pato (1995, p. 9), o trabalho de grupo é um componente indispensável numa postura metodológica que visa a aprendizagem e o desenvolvimento. O autor garante-nos, ainda, que através dele é possível ter em consideração os diferentes estádios de desenvolvimento cognitivo e afetivo dos alunos, respeitar os ritmos de pensamento e de ação, valorizar os processos de pensamento e melhorar a aquisição de competências.

Estes grupos foram formados com base nas preferências dos alunos, uma vez que pretendia que eles se sentissem confortáveis e bem integrados e por isso achei essencial formar grupos heterogêneos. Pato (1995) refere ainda que, “o espaço de interajuda que se abre nos grupos heterogêneos é, com certeza, o mais favorável ao desenvolvimento de atitudes como a persistência, a confiança em si próprio, a responsabilidade, a tolerância e a solidariedade”. Como a turma em questão apresenta várias dificuldades a este nível, considerei que esta atividade faria com que os alunos refletissem sobre esta temática e sobre a importância que cada aluno tem enquanto elemento de um grupo.

O segundo passo desta atividade, passou por distribuir um conjunto de imagens referentes à obra, sendo que cada grupo teria de reorganizar as imagens e com base nelas construir um texto.

Posteriormente, cada grupo teve a oportunidade de apresentar o seu texto aos restantes elementos da turma.



Figura 6- Construção das histórias



Figura 7- Apresentação das histórias

- **2ª Atividade- Visualização da obra através do programa *VideoScribe***

Na segunda atividade os alunos tiveram a oportunidade de visualizar a obra através da utilização do programa *VideoScribe*. A partir desta animação, os alunos conseguiram compreender vários aspetos do texto, nomeadamente: qual é a personagem principal, qual a sua relação com as restantes personagens, explorar os sentimentos de frustração e coragem e através desta animação também puderam ouvir a leitura modelo feita por mim.

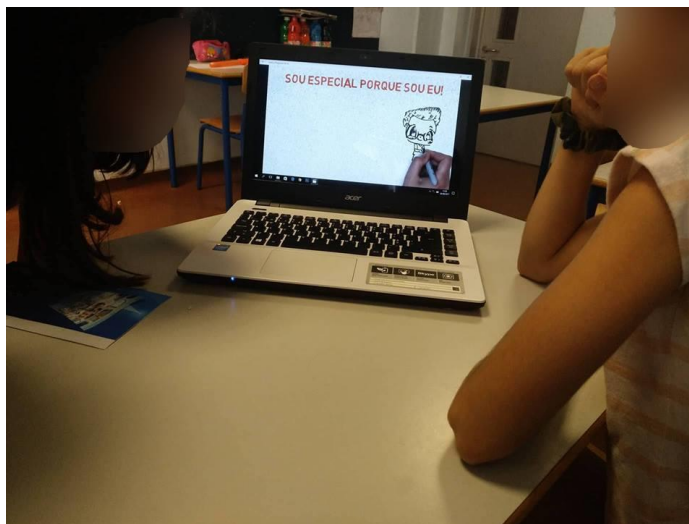


Figura 8- Visualização da história

- **3ª Atividade- Leitura e exploração do conteúdo**

Foram utilizados os mesmos modelos da primeira intervenção, na medida em que os alunos tiveram a oportunidade de realizar, numa primeira fase, a leitura silenciosa e, posteriormente, a leitura em voz alta.

Após a leitura foi realizada a exploração do conteúdo com os participantes desta atividade e através desta exploração foi possível abordar a importância de termos não só uma boa autoestima como também a importância de demonstrarmos para com os outros comportamentos de tolerância, aceitação e respeito.

- **4ª Atividade- Sou especial porque sou eu!**

Após os alunos terem refletido sobre a importância desta temática foi proposto que, individualmente, refletissem sobre as características que consideram que os fazem ser especiais. O objetivo desta atividade consistia numa reflexão geral, onde a turma deveria concluir que todos têm determinadas qualidades que os distingue dos demais e que são essas características que fazem com que, cada um, seja único e especial.

Era ainda pretendido construir, com a turma, um mural com as qualidades de todos os elementos da turma para posteriormente ser exposto no quadro de cortiça presente ao fundo da sala. Este mural tinha como função aumentar a autoestima dos alunos, bem como desenvolver o respeito pelas diferenças do outro.



Figura 9- Mural "Sou especial porque sou eu!"

## **2.7. Terceira intervenção - “Lê e conta-me como é”**

Como já referimos, para motivarmos nos alunos o gosto pela leitura é importante que estes estejam expostos a uma variedade de livros para que possam desenvolver as suas preferências, além de que as próprias experiências diárias e os exemplos circundantes os possam levar a ganhar um gosto específico face à leitura.

É igualmente importante voltar a enfatizar que a leitura deve transmitir sentido para quem lê, pois só assim se consegue desenvolver o gosto pela mesma.

Assim, surge a ideia de uma terceira intervenção que partiu, particularmente, da necessidade de trabalhar com os alunos a motivação para a leitura, uma vez que estes apresentavam grandes dificuldades na interpretação dos textos escolares e alguma falta de imaginação no que diz respeito à construção de textos.

Esta atividade pretendia que, mediante as leituras realizadas, os alunos aprendessem a identificar palavras e novas ideias, bem como a meditar sobre elas refletindo acerca da importância de tudo o que leem. Numa perspetiva pessoal, acredito que os livros de leitura obrigatória não são a melhor abordagem face ao incentivo do gosto pela leitura, pois este gosto não deve ser imposto. Devemos, sim, fornecer ferramentas aos mais novos para que possam explorar a leitura de forma a perceber que género literário lhes dá mais prazer ler.

Neste seguimento, surgiu mais uma atividade, onde o principal objetivo era proporcionar aos alunos uma variedade de géneros literários, através da apresentação de um livro que tivessem lido. Portanto, todas as semanas, através de sorteio, eram escolhidos dois alunos que teriam de apresentar à turma uma obra que tivessem gostado de ler.

Durante a apresentação teriam de explorar o conteúdo da capa e contracapa, percebendo a existência, ou não, de alguma ligação entre as imagens presentes e o conteúdo da história.

De seguida, os alunos tinham de ir contando os aspetos mais relevantes da história, bem como qual era a mensagem principal da mesma.

Após cada apresentação era sempre reservado um espaço para perguntas, onde os colegas tinham a oportunidade de expor as suas dúvidas. Posto isto, era sempre feito novo sorteio para apurar que alunos fariam as apresentações na semana seguinte. A

ideia desta atividade passou por motivá-los para a leitura e para a compreensão dos livros que leem, bem como dar-lhes a conhecer uma variedade de textos através das apresentações dos colegas.



Figura 11- Terceira intervenção “Lê e conta-me como é”

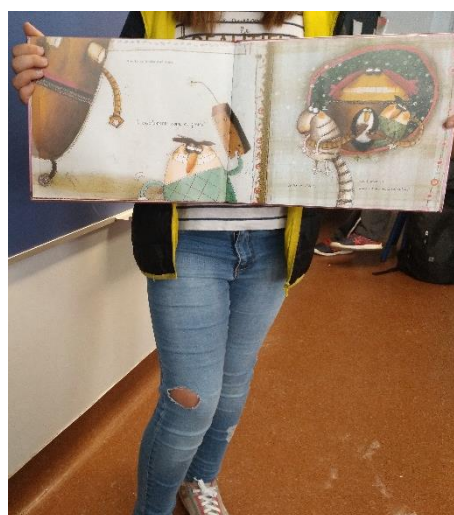


Figura 10- Apresentação do livro lido

## 2.8. Instrumentos e procedimentos de recolha de dados

No âmbito da investigação há diferentes metodologias que podem ser postas em prática de acordo com os objetivos que se pretendem atingir. A investigação-ação surge como o método mais adequado e pertinente para a execução deste estudo. Portanto, investigar e pôr em prática será o caminho mais adequado para a obtenção de resultados ao nível da motivação para a leitura, sendo que irei desempenhar um papel ativo nesta investigação. Os participantes desta investigação terão, também eles, um papel crucial no sucesso da mesma, sendo que através desta metodologia será possível refletir e reformular as atividades sempre que necessário.

Máximo-Esteves (2008) relembra que as fases próprias da metodologia de investigação-ação, incluem a reflexão sistemática sobre a própria ação, e consequente reformulação da mesma, permitem articular a teoria e a prática e introduzir processos de melhoria na intervenção pedagógica.

Importa ainda referir que não existe um consenso sobre a definição desta metodologia (Franco, 2005; Kincheloe, 2003; Noffke, 1995; Silva, 1996; Zeichner,

2001, cit. por Machado, 2014, p. 30), sendo que existem inúmeras definições, e é utilizada em inúmeras investigações no âmbito das Ciências Sociais. cit. por Santos, 2000, p.7).

Entre os especialistas académicos nem entre os seus utilizadores (especialistas académicos ou do terreno) em qualquer dos campos – seja o da conceptualização teórico-filosófica (diferentes origens, teorias, propósitos, problemas), seja o das vias e processos metodológicos propostos e/ou utilizados (diferentes métodos, formatos de comunicação. (Máximo-Esteves, 2008, p. 15)

Apesar de querer que exista um ambiente de participação e cooperação, nestas intervenções, só participarão nas atividades os alunos que se sentirem motivados; isto significa que ao longo das intervenções, sempre que não se sentirem confortáveis ou que não se identifiquem com a atividade, poderão abandoná-la livremente.

O grande objetivo desta metodologia é a reflexão sobre a ação a partir da mesma, a sua finalidade consiste na transformação da realidade.

## **2.9. Observação direta/notas de campo**

Durante este ano letivo 2016/2017 foram realmente importantes as notas de campo registadas no diário de bordo, uma vez que permitiram assinalar acontecimentos pertinentes para este estudo, nomeadamente, comentários dos alunos após as intervenções, opiniões pessoais acerca do desenrolar das mesmas, bem como o comportamento dos participantes.

## **2.10. Apresentação e discussão dos resultados**

Devido à natureza dos dados, foram utilizados vários métodos. Os dados quantitativos foram processados no programa Excel transpostos para gráficos que permitiram uma melhor análise dos resultados.

Quanto aos dados qualitativos, receberam também tratamentos distintos de acordo com a sua natureza.

Assim, os trabalhos da primeira e segunda intervenção foram ambos analisados consoante três fatores: aspetos intrínsecos e extrínsecos; perceções de competência e eficácia e motivação social. Wigfield (1997, cit. por Mata et al., 2009, p.564)

Segundo o autor, “a análise de aspetos extrínsecos e intrínsecos permite uma melhor compreensão das razões subjacentes ao desenvolvimento de atividades de leitura, podendo estas estar relacionadas mais com o prazer e interesse resultante da leitura, ou com o receber alguma gratificação externa (e.g., notas, reconhecimento dos outros).”

“As perceções de competência e eficácia referem-se às avaliações que os sujeitos fazem da sua capacidade para desenvolverem determinadas atividades, podendo estas facilitar ou inibir um maior envolvimento nas mesmas. Quanto à motivação social, o autor considera-a central no que se refere à leitura, pois a leitura é frequentemente uma atividade social em que a sua utilização com fins sociais pode envolver a partilha de ideias e leituras.” Wigfield (1997, cit. por Mata et al., 2009, p.564)

### Dados quantitativos

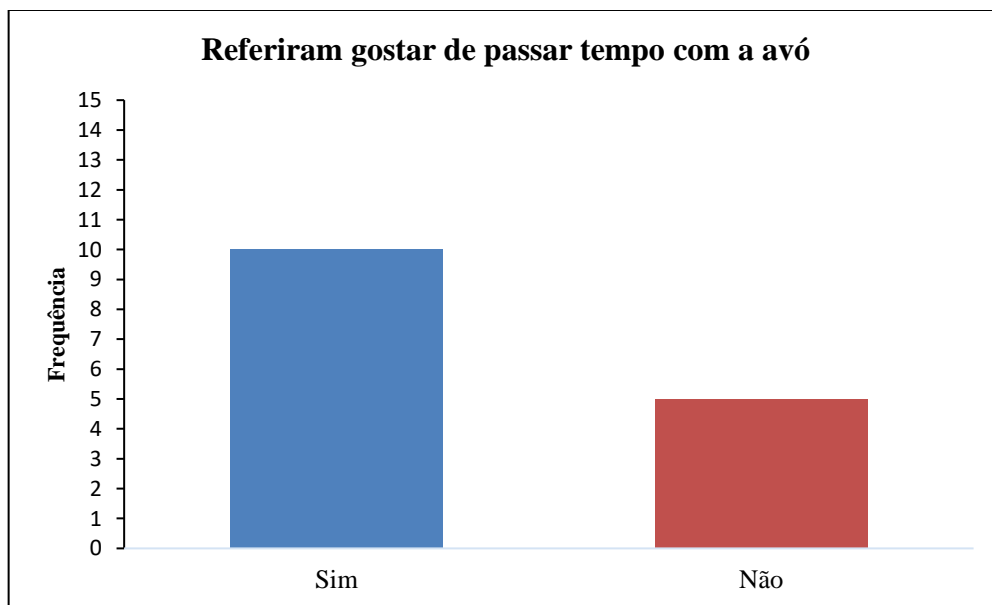


Gráfico 1 - Gostar de passar tempo com a avó

Como podemos observar no gráfico acima, existem 10 crianças que responderam nos seus textos narrativos que gostam de passar tempo com a sua avó, sendo que 5 crianças não fizeram qualquer referência a este fator.

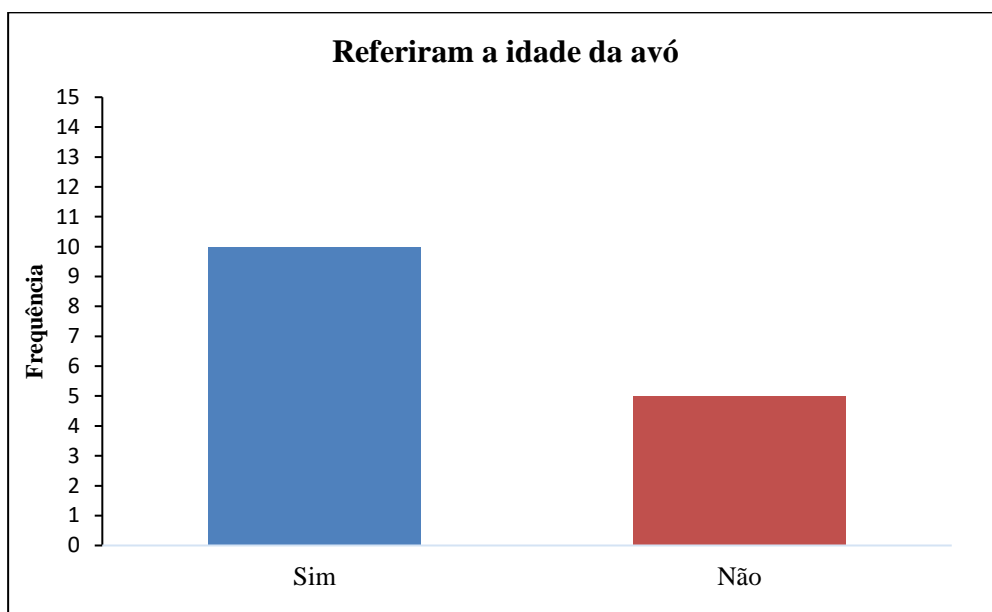


Gráfico 2 - A idade da avó

Após observar este gráfico, conseguimos compreender que mais de metade das crianças, nomeadamente, 12 crianças fizeram referência à idade das suas avós, sendo que apenas 3 não fizeram qualquer referência.

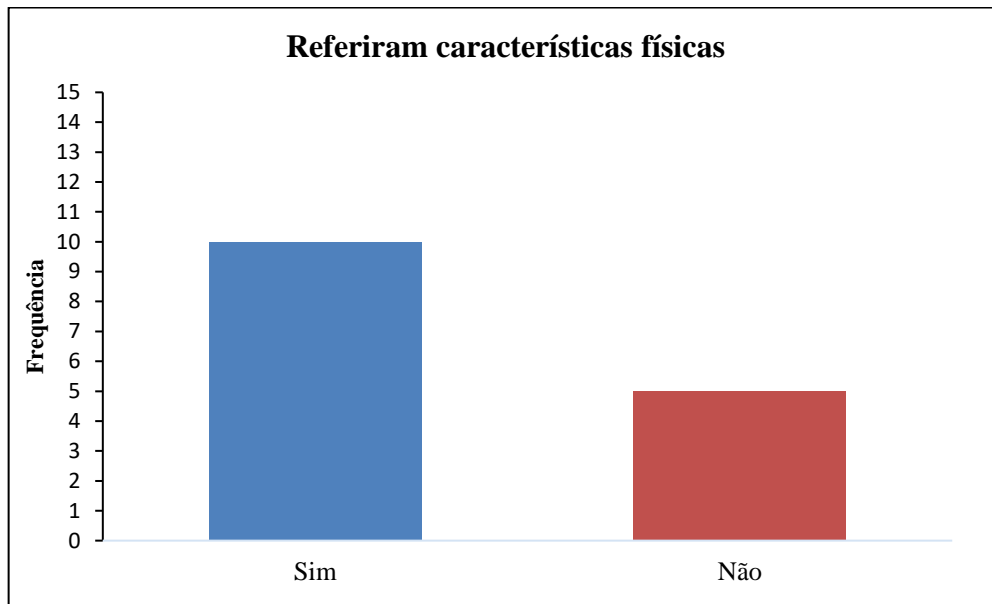


Gráfico 3 - Características físicas

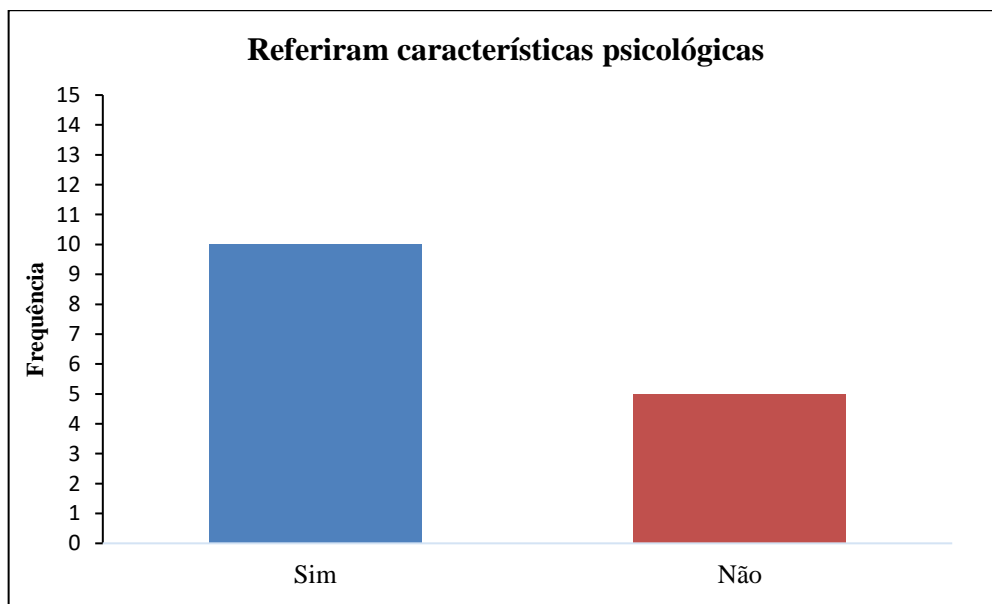


Gráfico 4 - Características psicológicas

Comparando estes dois gráficos, o primeiro, referente as características físicas das avós, podemos constatar que houve mais crianças a não fazer referência do que aquelas que o fizeram, nomeadamente, 9 crianças que não fizeram qualquer referência as caraterísticas físicas, e 6 crianças fizeram referência pelo menos uma caraterística física das suas avós. No entanto, no segundo gráfico, sobre as características

psicológicas, mais de metade referenciaram pelo menos uma característica que apreciavam nas suas avós, ou seja, 10 crianças referiram características psicológicas, as outras 5 crianças não fizeram qualquer referência a elas.

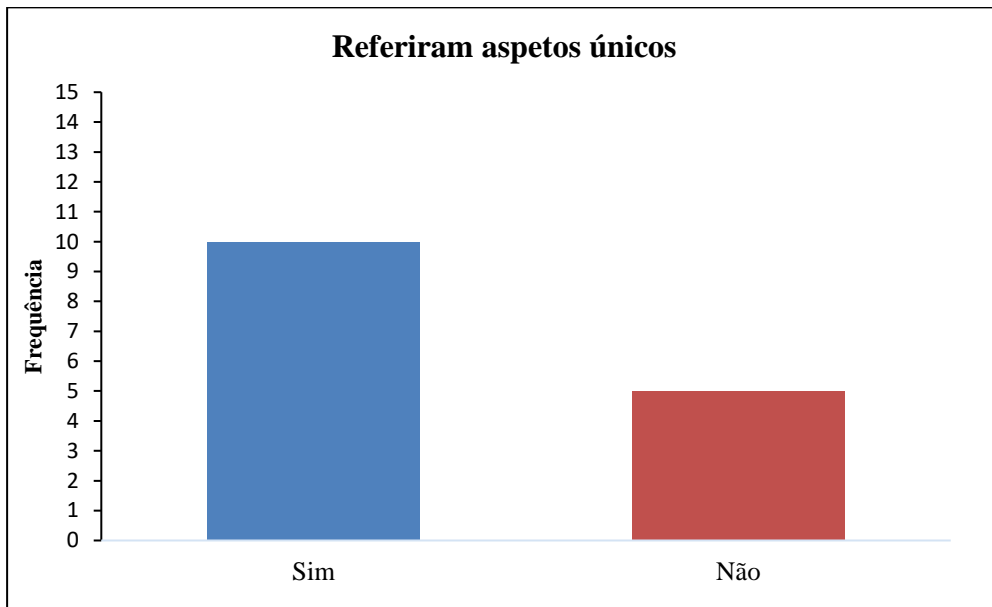
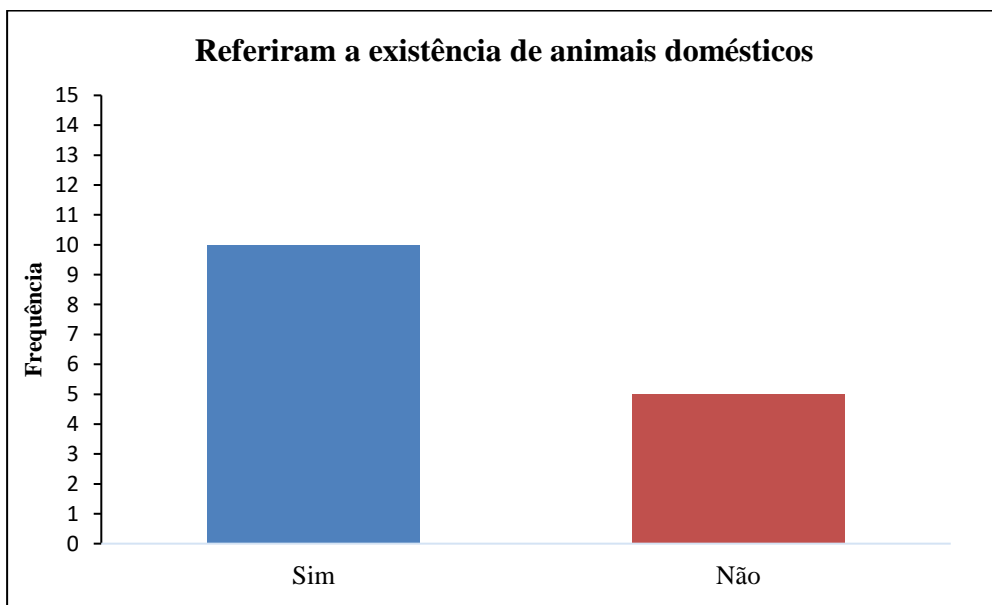


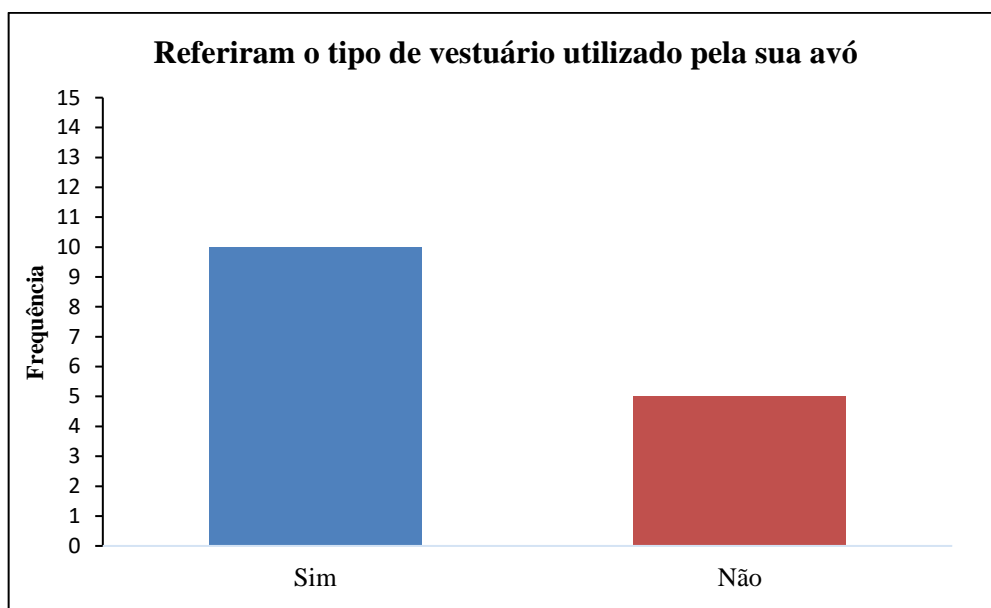
Gráfico 5 - Aspetos únicos

Nesta observação podemos verificar que 8 crianças referiram aspetos que tornavam as suas avós únicas, sendo que 7 crianças não o fizeram.



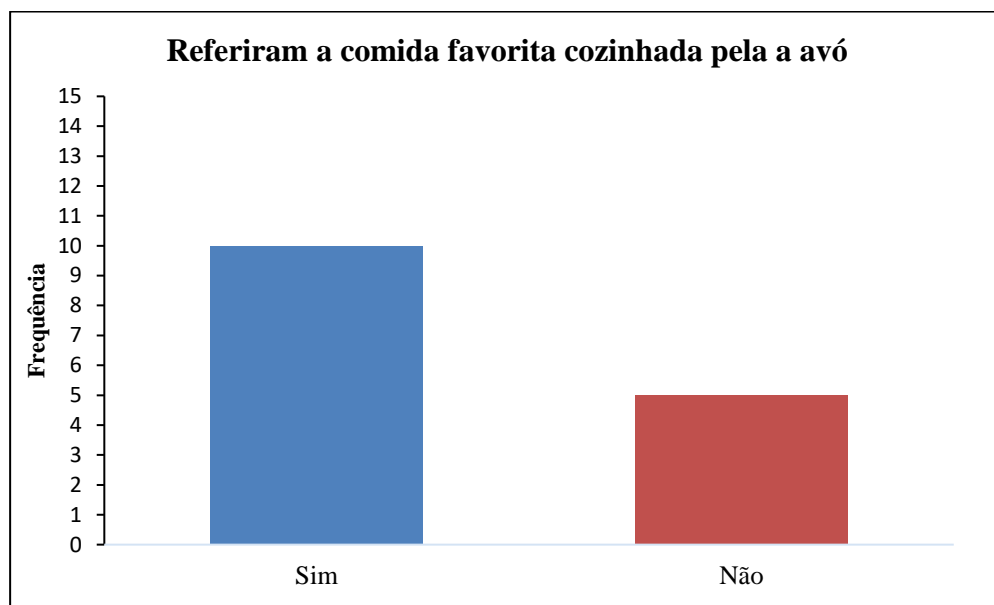
**Gráfico 6 - Existência de animais domésticos**

Neste gráfico é possível compreender que a grande maioria, 10 crianças, sentiu a necessidade de referir a existência de animais de estimação. 5 delas não fizeram qualquer referência.



**Gráfico 7 - Vestuário utilizado**

Neste gráfico, percebemos que apenas uma minoria, 4 crianças, fizeram referência ao tipo de vestuário utilizado pelas suas avós, sendo que 2 dessas 4 crianças, referiram o uso de roupa mais escura, referência ao luto feito pelas avós. 11 crianças não fizeram qualquer referência.



**Gráfico 8 - Comida favorita cozinhada pelas avós**

Neste gráfico podemos observar que 10 crianças não fizeram qualquer referência acerca da comida favorita confeccionada pela sua avó, enquanto que 5 crianças assinalaram esse aspeto.

## **Dados qualitativos**

### **Análise da primeira intervenção**

Esta primeira intervenção foi ainda analisada com base nos três grandes eixos da motivação para a leitura defendidos por Wigfield (2009).

Começo por analisar os aspetos intrínsecos associados a esta intervenção. Tal como já foi referido, a leitura deve não só ser significativa como deve trazer sentido para quem lê. Este fator foi importante para o sucesso e motivação de todos os participantes ao longo da intervenção, uma vez que a ideia da realização da mesma partiu das motivações e interesses pessoais de cada participante. Neste sentido, o facto de os participantes estarem intrinsecamente motivados ao longo de toda a intervenção foi uma mais valia para o seu sucesso.

No que refere aos aspetos extrínsecos, mais uma vez por se tratar de um conjunto de atividades significativas em que os participantes tiveram a oportunidade

de dialogar sobre uma figura tão importante nas suas vidas, as suas avós, foi notório que todos estavam interessados e com prazer em partilhar e em ouvir falar sobre a avó de cada um. Assim, todas as atividades resultantes deste tema proporcionaram na amostra um grande interesse que, conseqüentemente, acabou por influenciar de forma positiva a forma como participaram nas atividades.

No que diz respeito às percepções de competência e eficácia, por se tratar de um tema em que todos os elementos possuíam algum conhecimento, ou seja, os participantes acabaram por avaliar as suas capacidades no decorrer das atividades e perceberam que todos eram capazes de realizar qualquer uma delas. Este fator acabou por facilitar o envolvimento ao longo das atividades, sendo que todos os participantes se envolveram em todas as atividades ao longo desta intervenção.

Relativamente à motivação social, esta demonstrou ser um fator chave no sucesso da intervenção, pois permitiu a partilha de ideias entre o grupo e, acima de tudo, possibilitou um envolvimento muito grande por parte de todos ao longo desta intervenção.

## **2ª intervenção -Transcrição dos textos apresentados pelos grupos**

### **Grupo 1**

“Era uma vez, um menino que se chamava Óscar, que no fim de semana foi ao cinema ver um filme de dragões, quando saiu da sala de cinema imaginou-se o herói do filme.

Foi para casa com a sua mamã, e foi-se ver ao espelho e a mãe quando ia estender a roupa viu o seu filho infeliz, por isso, fez-lhe um penteado. No dia seguinte, foi para a escola.

Como era o final da escola, estava a ensaiar uma peça de teatro sobre animais. E ele tentou-se vestir-se de E.T, mas ficou mal. Então, decidiu ser um macaco. De seguida, todos aplaudiram o Óscar e os seus amigos ficaram muito felizes e a mãe felicitou-o com um abraço.

Vitória, Vitória acabou-se a história. Esperemos que tenham gostado desta história”.

### **Análise do texto**

Ao analisar este texto, é possível perceber numa primeira instância que os alunos não utilizam elementos originais ou pouco comuns, o texto acaba por exprimir um desenrolar da ação vulgar, uma vez que retrata situações do quotidiano, situações essas vividas pelo grupo, como por exemplo, o facto da personagem principal estar a ensaiar uma peça de teatro; justamente, quando foi realizada esta intervenção a turma estava a ensaiar uma dança para uma festividade da escola.

Permite-me refletir, ainda, sobre o facto de muitas vezes as crianças exporem nos seus textos situações que vivenciam no seu quotidiano.

Em relação ao seu conteúdo: perspetivas invulgares, criação de vocabulário, ação incomum e o humor, não as consegui encontrar neste texto. A falta destes elementos deve-se visivelmente a falta de hábitos de leitura do grupo.

### **Grupo 2**

“Era uma vez, um menino chamado Josefino Manuel. Ele tinha cabelo ruivo e usava óculos. Ele tinha uma grande imaginação. Ele imaginava muitas coisas.

Um dia, na escola, coberta de neve Josefino Manuel resolveu ir à casa de banho e adormeceu a fazer as necessidades. Sonhou que era um cavaleiro e que derrotava um dragão verde chamado Gabriel. Quando acordou, olhou-se ao espelho e viu-o o seu reflexo.

– Quem és tu? – Perguntou.

– Sou tu. –Respondeu o reflexo do Josefino.

–Mas se eu sou eu, tu não podes ser eu! – Gritou.

A mãe entrou na casa de banho porque ele se estava a demorar.

–Josefino Manuelito Alberto Iaratoino Joaquim Afiadeira! Vem para aqui! Queres ir ter com a tia ou não?

– Vou já mãe!

Um dia ele teve outro sonho e era um macaco, Toda a gente o gozava, outro sonho foi que ele era um extraterrestre e estava encurralado na lua. Ele começou a ficar perturbado.

Contou à mãe o que se passava. Ele fê-lo refletir e ele passou a ter sonhos bem coloridos e felizes.

Os colegas começaram a tornar-se mais próximos dele. E tudo acabou bem”.

### **Análise do texto**

Este segundo texto apresenta a criação de vocabulário, quando se refere ao nome da personagem principal, também através desta personagem e da escolha do seu nome, tentam proporcionar algum humor através desta escolha.

Tal como no primeiro texto, acaba por exprimir um vocabulário pobre e com pouca originalidade.

Em relação aos elementos referenciados na primeira análise: perspetivas invulgares, ação incomum, acredito que não estejam presentes neste texto.

### **Grupo 3**

“Esta história fala de um menino que não gostava de brincar com as outras pessoas. Imaginava, imaginava, por exemplo, animais. Ele saiu da escola e foi para casa e a mãe deu-lhe um abraço, pronto.

Olhou-se ao espelho, e imaginou-se sozinho, só que depois pensou bem e ficou feliz. Imaginou que era um guerreiro que ajudava as outras pessoas. Depois bateu com a cabeça e a mãe deu-lhe um abraço. Depois foram para a escola e o menino ganhou coragem para brincar com os outros.

### **Análise do texto**

Tal como nos textos anteriores, este acaba por exprimir que o grupo possui falta de hábitos de leitura; conseqüentemente, acaba por exprimir um vocabulário pobre e pouco variado.

Por sua vez, o grupo acaba por expressar um desenrolar da ação trivial, ou seja, previsível.

### **Análise da segunda intervenção**

Esta segunda atividade, foi analisada com base nos três grandes eixos da motivação para a leitura defendidos por Wigfield(2009).

Começo por analisar os aspetos intrínsecos e extrínsecos associados a esta segunda intervenção. No que se refere, aos aspetos intrínsecos, não consigo encontrar elementos de avaliação, uma vez que esta intervenção partiu de um problema da turma e não dos seus interesses ou motivações pessoais.

Por sua vez, no que se refere aos aspetos extrínsecos, acredito que teve alguma influência nesta atividade, uma vez que após realizadas os textos, todos os grupos tiveram a oportunidade de os apresentar. Acredito que o reconhecimento social (gratificação externa) por parte dos seus colegas, foi um fator que os motivou a participar.

No entanto, apesar de inicialmente todos os participantes da amostra demonstrarem interesse em participar. Após terem conhecimento da primeira atividade, alguns elementos acabaram por abandonar a atividade, acredito que este acontecimento, deve-se às avaliações feitas pelos participantes em relação às suas capacidades para executar a tarefa. Assim, devo salientar que esta avaliação, acabou por inibir e condicionar a participação de alguns elementos da amostra.

Por fim, terei de fazer uma breve análise da motivação social referente a esta atividade, uma vez que é central no que se refere à motivação para a leitura.

Ao longo desta intervenção, foram vários os momentos onde foi possível evidenciar a influência da motivação social. Começarei por evidenciar que a mesma é essencial, permitindo nas atividades de motivação para a leitura, uma partilha de ideias e de leituras que irá influenciar todos os participantes. Nesse sentido, apercebi-me ainda, durante a intervenção, a importância e influência dos líderes do grupo que acabam por influenciar a forma como os restantes elementos participam nas atividades. Foi notório que o *feedback* dos colegas acabou por condicionar a participação de

alguns e em contrapartida, o *feedback* de outros acabou por motivar alguns elementos da amostra.

Apesar de termos iniciado a intervenção com 16 participantes, e no decorrer da mesma, termos perdido alguns elementos, permanecendo até ao fim da intervenção, apenas 6 participantes.

Por considerar a leitura multifacetada, tal como afirma Wigfield (2000, p. 564), não posso afirmar que os alunos estavam motivados ou desmotivados para esta intervenção; apenas posso referir que os mesmos tinham interesses diferentes que não correspondiam a esta intervenção.

Em suma, sendo a leitura uma atividade de carácter social, é possível através da mesma, o diálogo, a partilha de ideias, contruindo juntos o respeito mútuo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



É certo que numa sociedade em constante mutação, plena de desafios, a leitura assume um importante papel, uma vez que é através da mesma que conseguimos compreender-nos a nós, ao outro e ao mundo.

Estudar a temática da motivação para a leitura fez-me perceber, enquanto futura docente, a importância de estimular os alunos para a leitura, pois é algo essencial nos dias que correm.

Também pude verificar que o gosto pela leitura estará sempre associado às experiências de vida do leitor. Assim, é importante que o mesmo seja estimulado, desde muito cedo a contactar com livros e outros suportes de escrita, tais como: revistas, jornais, entre outros. É importante compreender que este contacto deve ser estabelecido de uma forma informal, sem que o leitor se sinta pressionado; é necessário que o faça, numa primeira fase, de uma forma livre e despreocupada.

No que refere ao papel tanto da família como do professor, pude constatar que as crianças são o reflexo dos hábitos dos adultos. Assim sendo, é importante que se lidere pelo exemplo, ou seja, quer em casa, quer na escola, dever-se-á motivar os mais jovens à leitura, sendo os próprios adultos, um modelo face a uma leitura assídua.

Em relação à maturação dos leitores, esta irá depender de diversos fatores, sendo que importa referir que devido à faixa etária dos participantes desta investigação os fatores extrínsecos irão ter uma maior influência, uma vez que a leitura também é uma atividade social. O interesse e os comentários dos colegas irão influenciar a forma que estes olham para a leitura, bem como as atividades relacionadas com a mesma.

Em relação à escola, percebi que ela ocupa um lugar privilegiado na vida das crianças e jovens. Assim, cabe à mesma encontrar atividades e formas que despertem o prazer e o interesse pela leitura, e só o conseguirão fazer se elas forem ao encontro dos interesses dos mesmos.

Assim, enquanto professor, torna-se crucial conhecer os alunos como um todo, percebendo o que os motiva, os seus interesses, as diferenças individuais, bem como compreender quais os fatores que podem despertar esse interesse.

Neste seguimento, surge a minha investigação, onde optei por utilizar uma metodologia de investigação-ação com o principal objetivo de intervir e refletir sobre todas as atividades de motivação para a leitura, na tentativa de perceber quais as

atividades mais adequadas à turma. Através desta metodologia os alunos puderam também ter um papel ativo nas suas aprendizagens.

Em relação à primeira intervenção, começo por refletir sobre um conto, “o livro da avó” de Luís Silva. Acredito ter sido uma excelente escolha, uma vez que os alunos já tinham demonstrado, em outras ocasiões, ter uma relação próxima com os seus avós. Como referimos, para motivar para a leitura é importante que os livros que as crianças leem reflitam a sua realidade, os seus interesses, e nada melhor do que poderem dialogar sobre alguém que realmente é especial nas suas vidas.

Em relação à intervenção, optei por posicionar as cadeiras em forma de U, com o intuito de construir um ambiente tranquilo e descontraído. Os alunos acabaram por reagir muito bem, encarando esta atividade como um momento de partilha e aprendizagem.

Em relação à primeira atividade, o facto de ter incentivado os alunos à participação, elogiando sempre os seus comentários, e dando oportunidade aos alunos de irem ao quadro escrever as suas ideias, permitiu-me constatar que a turma apresentava grande entusiasmo, e em grupo acabaram por construir o conceito da turma sobre as características dos avós.

É importante referir que o uso do computador como recurso educacional acaba por ser uma mais-valia no que diz respeito à motivação e interesse e, neste caso, não foi exceção, visto que foi a primeira vez que a turma esteve em contacto com um programa de animação – o *VideoScrip*.

De seguida, deu-se a interpretação do conteúdo, e já nesta fase o principal, o objetivo era o de discutir a mensagem do livro. Essencialmente, a informação a retirar da análise passava pela valorização das pessoas no período em que estas se encontram presentes na nossa vida. Foi interessante perceber que realmente a mesma história, obteve interpretações diferentes. Essas interpretações advêm das experiências e das vivências de cada um.

Nesta fase, nenhum aluno associou a última frase do menino “fazes-me falta?” à morte da sua avó; associaram sim, ao facto da avó poder morar longe. Foi interessante verificar que esta era também uma realidade de alguns alunos da turma que acabavam por não visitar as suas avós tanto quanto gostariam.

De seguida, e relativamente à atividade dos modelos, acredito que resultou muito bem, uma vez que era um trabalho prático em que os alunos tinham de construir e refletir sobre as suas avós. Verifiquei que o interesse deles permaneceu ao longo de toda a atividade, apesar de esta se ter prolongado mais do que o esperado.

Por fim, a escrita dos textos foi outra das atividades proposta, sendo que 15 dos 16 participantes decidiram realizar esta tarefa, o que demonstra o interesse dos alunos por ela.

No dia seguinte, ainda tivemos a oportunidade de dialogar sobre o que os alunos descobriram sobre os seus avós, e foi interessante perceber como é que uma simples atividade pode aproximar não só a escola dos alunos, como os alunos dos seus familiares.

Percebi através do diálogo, que alguns textos foram escritos com a ajuda dos pais, um aspeto positivo a apontar, uma vez que para a escrita do mesmo foi necessário existir diálogo entre os mesmos.

Outros alunos acabaram por fazer novas descobertas sobre os seus avós, tais como: uma aluna descobriu que tinha uma bisavó que desconhecia, outro aluno descobriu que os seus avós, quando eram novos, deram a volta ao mundo, outra aluna com a ajuda da mãe percebeu como é que foi a infância da sua avó na Polónia, etc.

Esta primeira atividade, permitiu-me não só perceber que os alunos se encontravam mais motivados para a leitura quando as leituras são significativas, como também possibilitou um diálogo entre os participantes e os seus familiares.

No geral, este conto que nos remete para a nossa infância, permitiu que os participantes pudessem resgatar algumas memórias de momentos partilhados em família, o que é possível analisar através da leitura dos textos sobre as avós.

Em relação à escolha do tema da segunda intervenção, ao contrário da primeira, não partiu dos interesses dos alunos, mas sim de um problema ao qual me propus a solucionar por existirem algumas situações de *bullying*.

Tal como na primeira intervenção, o objetivo das atividades de pré-leitura, eram exclusivamente motivacionais.

Na segunda atividade, optei por utilizar o mesmo programa, que desta vez acabou por não funcionar. Nesta fase, percebi duas coisas importantes: a primeira, diz respeito à escolha do tema. Como não partiu dos interesses dos alunos, e tratando-se

de uma intervenção que era motivacional, em que nenhum aluno era obrigado a permanecer na atividade caso não o quisesse, a grande maioria dos alunos optou por abandonar a atividade. É ainda importante referir, que os alunos que permaneceram na atividade eram, curiosamente a menina que sofria de *bullying* e as colegas de turma que não tinham os comportamentos mais adequados em relação à colega. O que realmente enfatiza que o interesse por um determinado tipo de livro, tem a ver com as necessidades, as experiências, as vivências, e acima de tudo, com o sentido que cada um retira da leitura.

A segunda diz respeito ao uso das tecnologias. O facto de já ter utilizado aquele programa de animação não suscitou qualquer motivação por parte dos alunos para o visualizar.

Em relação à última atividade, uma vez que já não tinha todos os participantes da turma, e o objetivo era construir um mural da turma, achei que deveria alterar um pouco a estratégia utilizada.

Os participantes realizaram na mesma a atividade, no entanto, em vez de um mural optei por imprimir as fotografias para que cada participante a pudesse colocar no seu quarto. Acredito que esta última estratégia foi mais adequada dado que, o grande objetivo da mesma, era aumentar a autoestima bem como desenvolver o respeito pelo outro, sendo este último item conseguido através do diálogo e da partilha entre os participantes.

Neste seguimento, surgiu a terceira intervenção que teve início no mês de março e se prolongou até ao final do ano letivo. A última intervenção pretendia que os alunos aprendessem a identificar palavras e novas ideias bem como a meditar sobre elas, refletindo sobre tudo aquilo que leem.

Julgo que os livros de leitura obrigatória não incentivam ao gosto pela leitura, pois o gosto pela leitura não deverá ser fomentado através da imposição.

Do ponto de vista de Silva (2014, p. 26) “no estímulo dos hábitos de leitura não deve haver lugar para a imposição, nem tão pouco para a obrigação. Essa situação pode levar à desmotivação do aluno e à perda de um bom leitor”. Acrescenta ainda que, “(...) É importante que nas rotinas pedagógicas diárias, os professores concedam não só tempo, mas também, espaços dentro da sala de aula para a leitura e locais para a exposição de livros e de acesso fácil. Neste campo, os professores têm como missão

incentivar os alunos a ler, concebendo atividades diversificadas e promovendo o encontro dos alunos com o livro”.

Assim, e através do contributo de cada elemento da turma, foi possível apresentar, ao longo do ano letivo, uma variedade de livros à turma, onde os alunos tinham a oportunidade de refletir, questionar, bem como de explorar os livros trazidos pelos colegas que após as apresentações acabavam por circular pela sala de aula para que os restantes colegas pudessem manuseá-los.

Esta atividade foi uma mais-valia para a turma, mas nem sempre obteve resultados positivos, visto que alguns alunos alegaram esquecimento na preparação da apresentação do livro. No entanto, quando estas ocorriam surgiam situações enriquecedoras que refletiam o interesse da turma pela atividade, Através da mesma, foi-nos possível desenvolver outras competências como o discurso oral, envolvendo a compreensão do texto e, acima de tudo, os alunos puderam aprender a articular o seu discurso, bem como defender diferentes pontos de vista em relação aos livros que iam sendo explorados.

É através da leitura que as crianças adquirem um conhecimento da realidade, de forma mais significativa.

Nesta perspetiva, a leitura representa uma excelente ferramenta para o exercício da cidadania, promovendo oportunidades para que cada indivíduo escolha e construa as suas múltiplas identidades. Assim sendo, a leitura fomenta comportamentos críticos e reflexivos, em detrimento de ações mecanizadas.

Em relação às novas tecnologias, esta investigação reflete muito bem a necessidade, enquanto futura docente, em procurar alternativas tecnológicas para cativar os alunos para a aprendizagem.

A verdade é que a sociedade tem apresentado rápidas mudanças e a Escola tem de as acompanhar. No entanto, acredito que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) devem ser encaradas como um meio facilitador de aprendizagem, e não como um fim em si mesmo, sendo que é o professor que tem o papel crucial na mediação da sua utilização.

O professor deverá ter a noção de que as TIC na educação não são importantes se não tiverem uma intenção explicitamente educativa. Admito que existe, cada vez

mais, uma maior preocupação por parte das escolas e do corpo docente em responder a estas necessidades.

## Referências bibliográficas

Amaro, A. R. (2010). *Dos textos de receção infantil ao desenvolvimento das competências no 1.º ciclo do ensino básico*. Dissertação de Mestrado. Disponível no Repositório da Universidade da Beira Interior.

Bastos, G. (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.

Baker, L. & Wigfield, A. (1999). *Dimensions of children's motivation for reading and their relations to reading activity and reading achievement*. *Reading Research Quarterly*, 34, 452-477.

Costa, F. (2003). *Ensinar e aprender com tecnologias na Formação Inicial de Professores*. In A. Estrela & J.

Costa, F. (coord.) (2008). *Competências TIC, estudo de implementação* (Vol. 1). Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE).

Cunha, V. & Capellini, S. (2011). *Habilidades metalinguísticas no processo de alfabetização de escolares com transtornos de aprendizagem*. *Revista Psicopedagogia*, 28, 85-96.

Famoso, C. (2013). *Caracterização da motivação e relação dos hábitos de leitura, nos estudantes do Segundo Ciclo (5ºano)*. Relatório de Estágio de Mestrado. Disponível no Repositório do Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida

Ferreira, D. (2018). *Avaliação e Intervenção nas Dificuldades de Aprendizagem-Dislexia- na Idade Escolar*. Dissertação de Mestrado. Disponível no Repositório da Universidade Fernando Pessoa.

Ferreira, E. (2015). *Motivar para a Leitura: Estratégias de Intervenção Pedagógica na Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico. Relatório de Estágio de Mestrado*. Disponível no Repositório da Universidade dos Açores.

Houaiss, A. e Villar, M. S. (2003). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Temas & Debates*. 6º. Volume. Círculo de Leitores. Lisboa.

Massini, S. (2006) *Sou especial porque sou eu! (1ª edição)*. Porto: Galilivro

Mata, L., Monteiro, V. & Peixoto, F. (2009). *Motivação para a leitura ao longo da escolaridade*. *Análise Psicológica*, 4, 563-572.

Mata, L. (1999). *Literacia - O papel da família na sua apreensão*. *Análise Psicológica*, 1, 65-77.

Mendes, H. (2011). *Motivação para a Leitura e Compreensão Leitora no Ensino Básico: Contributos para a Inovação Educacional. Relatório final de Mestrado*. Disponível no Repositório do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Moreira, I. (2014). *Motivação para a leitura. Relatório de Estágio de Mestrado*. Disponível no Repositório do Instituto Superior Politécnico Gaya.

Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora

Nina, I. (2008). *Da leitura ao prazer de ler: contributos da Biblioteca Escolar. Relatório de Estágio de Mestrado*. Disponível no repositório da Universidade Aberta.

Pato, M. (1995). *Trabalho de grupo no Ensino Básico – Guia Prático para Professores*. Texto Editora. Lisboa.

Pinheiro, C. (2013). *A motivação para a leitura. Uma intervenção ao nível do 1º Ciclo do Ensino Básico. Relatório de Estágio de Mestrado. Disponível no Repositório da Universidade do Minho.*

Ponte, J. (2000). Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: Que desafios? *Revista Ibero-Americana de Educación*, 24,63-90.

Ponte, J. P. (2002). *A Formação para a integração das TIC na Educação Pré-escolar E no 1º Ciclo do Ensino Básico.* Porto: Porto Editora.

Rigolet, A. (2009). *Ler livros e contar histórias para crianças.* Porto: Porto Editora.

Roldão, M. C. (1998). *Que é ser professor hoje? – A profissionalidade docente revisitada.* *Revista da ESES*,9, 79-87.

Viana, F. L., & Martins, M. (2009). *Dos leitores que temos aos leitores que queremos.* In I. S. Ribeiro, & F. L. Viana (Coord). *Dos Leitores que Temos aos Leitores que Queremos – ideias e projectos para promover a leitura*, (pp. 9-41). Coimbra: Almedina..

Santos, A. S (2007). *A abordagem à leitura e à escrita no jardim-de-infância: conceções E práticas dos educadores de infância.* Tese de doutoramento. Disponível no Repositório da Universidade dos Açores.

Santos, E. (2000). *Hábitos de leitura em crianças e adolescentes: um estudo em Escolas secundárias.* Coimbra: Quarteto

Santos, T. (2015). *A potencialidade das tecnologias, no ensino básico.* *Revista de Estudos e Investigación en Psicología y Educación.*, 13, 87-92.

Santos, K. C (2015). *O contributo da exploração de histórias para a aprendizagem da leitura e da escrita. Relatório de estágio de Mestrado*. Disponível no Repositório Comum.

Silva, Á. A (2004). *Ensinar e Aprender com as Tecnologias- Um estudo sobre as atitudes, formação, condições de equipamento e utilização nas escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico do Conselho de Cabeceiras de Basto*. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre. Disponível no Repositório da Universidade do Minho.

Silva, L. (2007) *O livro da Avó*. (2ª edição). Porto: Edições Afrontamento.

Silva, L. C (2014). *Hábitos de Leitura em Contexto Familiar. Relatório de Estágio de Mestrado*. Disponível no Repositório do Instituto Superior Politécnico Gaya.

Silvestre, M. (2015). *O desafio que se impõe: que currículo para o século XXI?*. Revista Educação: Temas e Problemas, 15, 3-16.

Sim-Sim, I. (2006). *Ler e Ensinar a ler*. Porto: Edições Asa.

Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. (1ª edição). Lisboa: Universidade Aberta.

Teberosky, A. & Colomer, T. (2001). *Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista*. Porto Alegre: Artmed.



## **ANEXOS**



**A melhor qualidade da  
minha avó é...**



**A minha avó quando era  
pequena brincava...**



**O momento que recordo  
com carinho passado  
com a minha avó é...**



**Eu e a minha avó não  
gostamos nada de...**



**Adoro quando a minha  
avó cozinha...**



**Na televisão, a minha  
avó prefere ver...**



**Se a minha avó fosse um  
desenho animado seria...  
porque...**



**A minha avó quando era  
pequena morava ...**



**A minha avó quando era pequena morava...**



**A melhor qualidade da minha avó é...**



**Se a minha avó fosse um animal seria...porque...**



**O momento que recordo com carinho passado com a minha avó é...**



**Eu e a minha avó não gostamos nada de...**



**Se pudesse viajar com a minha avó, viajaríamos para...**



**Na televisão, a minha avó prefere ver...**



**Conheço a minha avó há...anos e gostamos os dois de...**



Anexo 8- Perguntas da caixa (4ªatividade)

### A minha avó

A minha avó chama-se Maria do Beu. Mora em Coimbra, na Palmeira, e tem 63 anos.

Eu gosto da minha avó porque é muito trabalhadora, importa-se comigo, dá-me doces, deixava-me ver televisão e jogar tablet.

Eu gosto de passar tempo com ela, porque é a primeira avó que eu conheci.

Uma vez estava na terra da minha avó e ela fez as melhores tostas mistas do mundo.

A minha avó ~~tem~~ tem uma quinta com patos, galinhas, cabras e um porco e eu às vezes ajudo-a a tratar dos bichos.

Anexo 9- Textos realizados pela turma sobre as avós

Ela tem 59 anos, eu gosto de passar tempo com ela porque quando eu passo anos ela espava-me a cabeça ~~na~~ e as pessoas depois não comem bolo e fica todo para mim. Eu gosto mais dos cães que ela tem e a minha avó é única porque os outros morreram e ela trabalha em jardineira e ela mora na Rapelhoza da Bela e gostava de ter mais tempo com ela. E a comida que ela faz é a carne de porco alentejana.

Anexo 10- Textos realizados pela turma sobre as avós

o melhor avó do mundo  
a minha avó chama-se Celeste das Santas  
almas do céu.  
Ela é fantástica, tem 60 anos, mas parece  
muito nova.  
Eu adoro passar tempo com ela porque  
nas férias de verão leva-me à praia do  
Sobradinho, porque me leva às compras,  
porque passa comigo, porque joga comigo  
ao UNO...  
As características que eu mais gosto ne-  
la é de ser calada para a comida,  
das suas unhas vermelhas... (Lol)...  
a minha avó é ótima, porque ela  
me adora e eu adoro-a.  
Ela quando está era pequena brincava  
as olivais e como avó um tapete  
cheio de agulhas, da grande caixa para  
cima do tapete com agulhas, ela fazia agul-  
te.  
Eu gosto do bolo da Paula analua, ela  
também sabe fazer esopas, candores e  
lavachas muito boas e a Paula profeci-  
da dela é o rissego.  
a minha avó é única porque é  
fantástica

Anexo 11-Textos realizados pela turma sobre as avós



## et minha avó

et minha avó chama-se Luisa, tem 71 anos e é a mais velha da família mas é a que está melhor. gosto de passar tempo com ela porque é simpática está sempre a rir e faz ~~se~~ as coisas, as características que eu mais gosto nelas são a brincalhona, trabalhadora, divertida, ...

et minha avó é única porque na Páscoa é a única que me ~~dá~~ dá ovos, e passa muitas vezes comigo na "alma Shopping".

## elas avós

Eu e ela não gostamos de brócolos, espinafres, e que se saiba etc...

adoramos chocolate na leite. Quando na TV dá uma música nós começamos a dançar e isso é a que faz única (também).

et minha avó tem um ~~cão~~ cachorro chamado Bolinhas, e eu tenho o Chocapio.

Anexo 14- Textos realizados pela turma sobre as avós

## A minha avó

A minha avó chama-se Tânia, tem 60 anos e nasceu em 1956, em maio dia 30. Eu gosto de passar o tempo com ela porque ela vai comigo para todo o lado. As características que eu gosto mais nela são, simpática, divertida, muito brincalhona e trabalhadora. A minha avó é única porque brinca comigo e faz coisas comigo. Ela está sempre feliz e faz rir as pessoas quando estão tristes.

Brincava às escondidas, policcias e ladraões, no inverno andavam de patins de gelo, faziam sky, brincava com a neve, iam para a escola a pé, não tinham mochilas e levavam os livros e cadernos atados com cordas. Eles não tinham televisão, brincavam muito na rua, gostavam de ler livros e iam para casa uns dos outros. Ela tem um cão que se chama umka. Trabalha na fábrica de linho. Eu adoro a minha avó.

Anexo 15- Textos realizados pela turma sobre as avós

A minha avó chama-se Hermínia não sei quantos anos tem, gosto de passar tempo com ela, porque, quando eu passo alguma coisa, ela tem sempre paciência por mim, as características que eu mais gosto são as brincadeiras e a paciência. A minha avó é uma pessoa que tem tanto gosto como eu. Adoro-a muito. E também o emprego de algumas domésticas.

Adoro-te  
avó!

Anexo 16- Textos realizados pela turma sobre as avós

A AVÓ MAIS COOL DO MUNDO

Não sei como que a minha avó se chama e quantos anos tem. Mas sei onde mora, a minha avó mora em Coimbra. Quando estamos juntos, ela sempre me dá-me carinho. A minha avó é muito divertida.

(A minha avó tem um filho mais velho - meu primo Pedro - também mas que seca) ele pendura-se a todos os telemóveis, jogos e tudo mas eu não perderei em tudo.

A minha avó não tem nenhum animal de estimação, mas ela cozinha muito bem, a minha avó faz biscoitos e esparguete com almondegas. Eu gostaria de estar mais tempo com ela.

Anexo 17-- Textos realizados pela turma sobre as avós

## A minha Avó

A minha avó chama-se Maria José e tem 66 anos, ajuda-me em tudo. É muito carinhosa. Ela adora o seu cão o B. Leky e a Branca, a minha avó já teve labradoradores e outros cães e gatos. Eu adoro-a muito. Trei lembrar-me sempre dos seus beijinhos doces. Gosto de passear com a minha avó.

Ela tem cabelo vermelho e usa calças.

Avó é como uma flor  
no meu coração  
fazes-me sentir alegria em mim  
É a minha luz

que me acorda  
Serás sempre a minha preferida  
nunca te vou perder  
mesmo quando não estiveres ao meu  
lado

Anexo 18- Textos realizados pela turma sobre as avós

## A minha avó

A minha avó chama-se Yvete Adelaide, ela tem 50 anos e é mais loira do que o meu pai e a minha mãe.

(Papai) Ela é uma avó incrível ~~que~~ <sup>que</sup> eu gosto muito da minha e é a melhor avó do mundo. As características que eu mais gosto ~~na~~ <sup>da</sup> minha avó são: de ser muito simpática, ser muito carinhosa, e ser trabalhadora. Ela é única porque é uma avó que ~~me dá muito amor e carinho~~ <sup>gosto muito</sup>

A minha avó trabalhou num restaurante, ~~ela trabalhou num restaurante~~ <sup>ela trabalhou num restaurante</sup> ~~ela trabalhou num restaurante~~. Ela ~~me marcou~~ <sup>marcou</sup> numa aldeia.

Eu e a minha avó gostamos de fazer ~~coisas~~ <sup>coisas</sup>.

Ela costuma de jogar comigo e com a minha irmã os jogos da espanhola e a minha avó também nos ~~tem~~ <sup>tem</sup> muitas histórias.

⊙ A minha comida preferida que a minha avó faz é arroz, com carne, com ~~legumes~~ <sup>legumes</sup> legumes e maqui.

A minha avó ~~me dá~~ <sup>me dá</sup> trata de cães, gatos, galinhas, ovelhas e de coelhos e eu ajudo-a. ~~ela me dá muito amor e carinho~~

Ela teve uns tempos a viver em Coimbra depois teve que voltar para a aldeia. ~~ela me dá muito amor e carinho~~ <sup>ela me dá muito amor e carinho</sup>.

~~ela me dá muito amor e carinho~~ <sup>ela me dá muito amor e carinho</sup>. A minha avó usa a cor preta por que o meu avô já morreu. A minha avó tem cabelo médio.

É a melhor avó do mundo

Anexo 19- Textos realizados pela turma sobre as avós

A avó e a avó

A avó é ótima. Ela chama-se Maria do Rosário Rosa Gonçalves Gomes. Tem 74 anos, mas até quase a fazer 85 em maio. É muito paciente e simpática, arriga e doce, e muito das coisas. Quando tem peregrinações vamos ao "centro" do autocarro, porque ela não tem carta de condução. Às vezes vai de bicicleta e de táxi. Outros eu volto de autocarro.

Uma vez, eu lembro-me que tinha levado a meu esboço de cordão (que comprei em Aljezur), para lá e deixei-o na cozinha... Quando reparou fui a correr para o sitio onde pensava que o tinha deixado. É lá estava ela na mão dura menina. Tentei que ela reparasse em mim e perseguir o esboço. Ela reparou de imediato e deu-me o esboço para a mão com um ar gentil. Eu agradeço e ela pediu desculpa porque se é possível. A minha avó apareceu e disse que estava a ficar tarde então ficou embora com ela. Ufa! Brasi que já ficou, tem aquele colorido tão bom!

A minha avó é única porque é a melhor. Tendo toda a certeza que ela sabia brincar. Também porque ela é gulosa. Então... é única por ter muitas características de que eu me orgulho dela.

Já foi esboço da Ideogram. Era a "chef" das esboços... Ela tem tempo para mim no domingo à tarde porque não tem nada para fazer.

Agora passar tempo com ela porque é uma ótima avó e é muito simpática e extremamente cativante. Nasceu no ano de 1943. Tem dois passadinhos, o Titi e o Titi, e uma catarata atrevida, Tasharina. Agora-me. A mim, à Luana (a minha prima em Lagos) e à Viti (a minha irmã mais nova, que se chama Vitória). Ela tem cabelo castanho, usa óculos e vestíveis. (Se usa vestíveis em ocasiões formais) e é ainda. Uma esboço porque passa que o a mãe da família. Ela foi esboço com o meu avô morreu após 4 anos do meu pai, num acidente de carro. Ela andou em Lito durante 11 anos e depois parou e seguiu a sua vida. O meu avô chamava-se António. Neste texto eu coto a falar da minha avó porque é

A minha avó chama-se Ynezilda, tem 68 anos. Eu gosto de estar com ela porque ela dá-me muitos carinhos, ela sabe ~~me~~ como me alegrar quando nós não temos os melhores dias, mas mesmo assim, ela sabe como nos alegrar.

A minha avó é a pessoa mais <sup>carinhosa</sup> carinhosa que eu já vi, ela trabalha muito e ~~ela~~ dela tem super poderes para conseguir aquecer os meus primos de lá.

A minha avó é única, é aquela que nos sabe alegrar, que nos compreende e que faz a melhor comida do mundo.

Quando estamos juntos quere todo o lado tatermo está lá e nós brincamos muito, falamos com ela e com todos, é sempre uma diversão quando eu passo lá a ver!

A minha avó tinha um cão só que uma vez um homem já veneno na comida dele e morreu e aí foi o pior dia da minha vida, o cão era um asti.

Anexo 21- Textos realizados pela turma sobre as avós

A minha avó chama-se Zília, ela tem 60 anos, eu adoro a minha avó, gosto de passar ~~tempo~~ tempo com ela porque ela conta-me histórias engraçadas sobre o meu tio e a minha mãe, por exemplo, um dia o meu avô, a minha avó, a minha bis avó, o meu tio e a minha mãe, foram passar férias numa rolete e pararam numa estação de seração o meu avô e a minha avó saíram da rolete e a minha mãe e o meu tio começaram à bulha e a minha bis avó saiu de lá e olhou para a rolete e ela estava a balançar de um lado para o outro, a minha avó também brinca comigo: a minha avó é única porque sem ela nada seria igual. Ela também tem o Pinóquio o seu gato muito fofo.

Anexo 22- Textos realizados pela turma sobre as avós

## A minha avó

A minha avó chama-se Maria da Correição, nasceu em 1956 e tem 61 anos. Quando ela era pequena como eu ela, andava na escola em Argonil, como era antigamente ela só fez a escola até à 4ª classe.

Ela é muito especial e divertida, dá-me doces, brinca comigo e está sempre preocupado comigo.

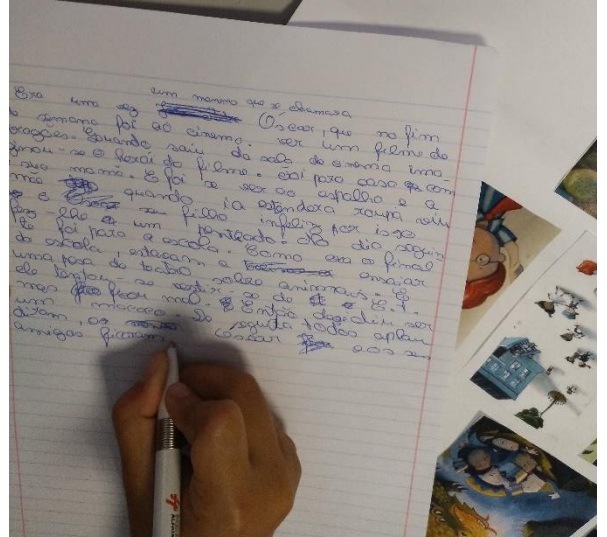
Ela é pequena, tem 1,60m, tem olhos castanhos e cabelo curto e castanho-escuro. Prefere vestir calças, camisola e ténis, o cor do roupa é mais escura, porque o meu avô já faleceu.

Tem peixes de estimação. A fruta preferida dela é maçãs, ela adora verduras e nós as duas não gostamos de vinho e as bebidas comuns são água, suco natural e café. Ela trabalhava no hospital, mas já está reformada. Eu e ela às vezes vamos passear, brincar e ir à praia no verão. E o hobby dela é fazer renda, às vezes eu tento mas não consigo. E mora em Oliveira do Hospital.

Anexo 23- Textos realizados pela turma sobre as avós



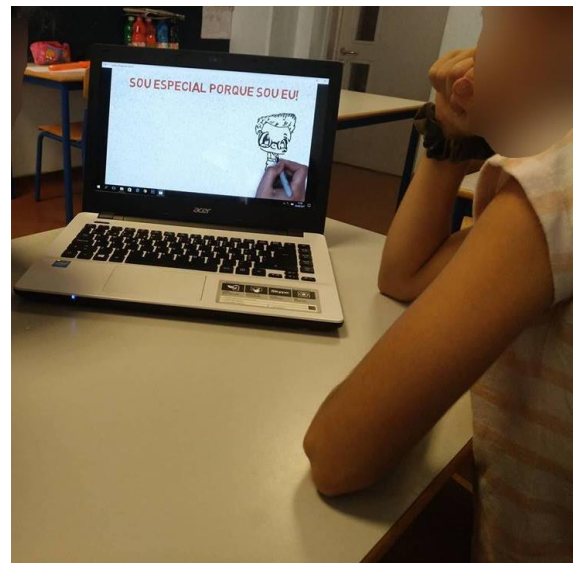
Anexo 24- Fotografia da 1ª atividade



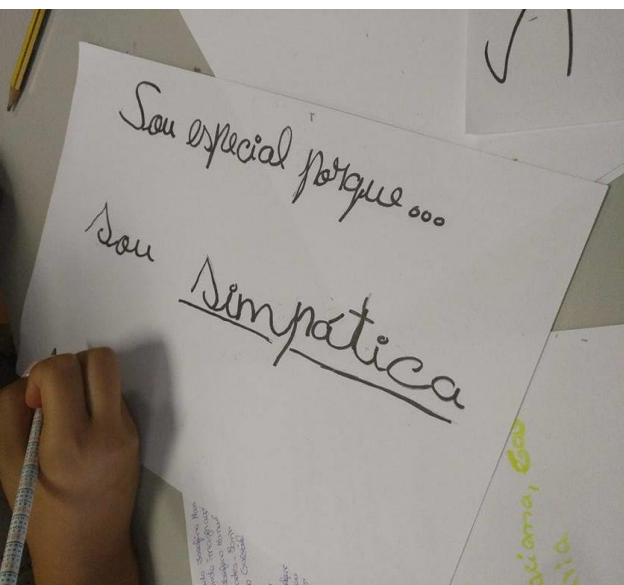
Anexo 25- Fotografia da 1ª atividade



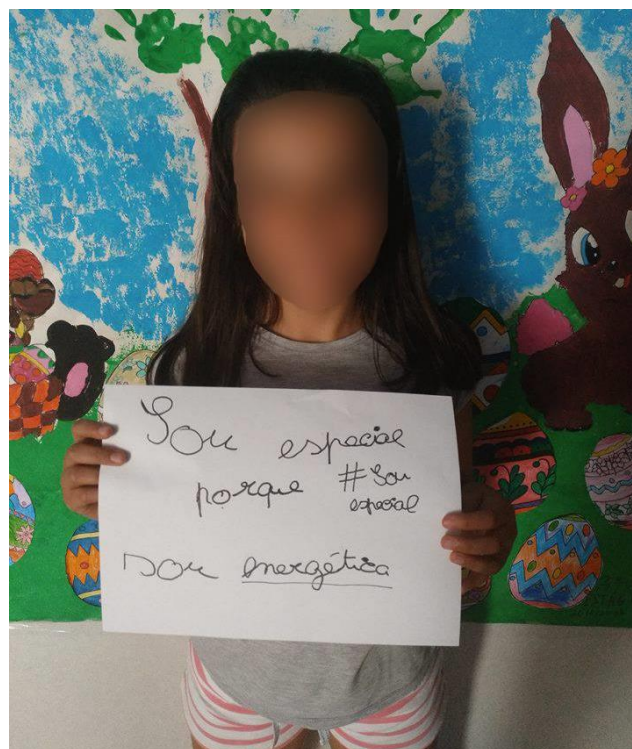
Anexo 26- Apresentação à turma do trabalho realizado na 1ª atividade



Anexo 27- Fotografia da 2ª atividade



Anexo 28- Fotografia da 4ª atividade



Anexo 29- Fotografia da 4ª atividade



Anexo 18- Fotografia do possível mural da turma

Um menino que se chamava  
Era uma vez ~~João~~ Oscar, que no fim  
de semana foi ao cinema, ver um filme de  
obrigações. Quando saiu da sala de cinema ima-  
ginou-se o herói do filme. Foi para casa com  
a sua mãe. E foi se espalhar e a  
mãe ~~de~~ quando ia estender a roupa viu  
o Oscar seu filho infeliz por isso  
fez-lhe um penteadinho. Do dia seguin-  
te foi para a escola. Como era o final  
da escola, estavam a ~~trabalhar~~ ensaiar  
uma peça do teatro sobre animais. E  
ele tentou-se vestir-se de ~~o~~ e t.  
mas ~~foi~~ ficou mal. E então decidiu ser  
um macaco. De seguida todos aplau-  
diram, os ~~meninos~~ Oscar ~~foi~~ aos seus  
amigos ficaram, muito felizes e a mãe  
felicitou-o com um abraço.

Epitáfio, história acabou-se a  
história. Esperamos que tenham gostado desta  
história.